

ALGUNS VERBOS APECTUAIS EM PORTUGUÊS

por

ELANICE SIBÓIA MADUREIRA

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Campinas

1975

M267A

M267a

Este trabalho foi realizado durante vigência de uma bolsa de estudos concedida pelo Conselho Nacional de Pesquisa (Ciências Sociais), Processo 14310/73.

ALGUNS VERBOS ASPECTUAIS EM PORTUGUÊS

Resumo

A presente investigação trata de alguns verbos aspectuais do português, sob uma abordagem gerativa-transformacional. São aqui chamados verbos aspectuais aqueles que predicam toda uma proposição, diferentemente de outros verbos que predicam apenas um sujeito simples. Dos aspectuais, são aqui examinados aqueles que dizem da ocorrência ou não-ocorrência de algo expresso na proposição predicada, em relação a um determinado momento. Visando a adequação da análise aos fatos do português e à teoria geral, foram tomadas como base algumas hipóteses formuladas para o tratamento de verbos aspectuais do inglês, hipóteses estas que se inserem no quadro teórico da gramática gerativa-transformacional. Este procedimento se justifica pela hipótese fundamental da teoria transformacional, a saber, a de universalidade da gramática, bem como pelo paralelismo que existe entre a classe de verbos do inglês que é objeto das hipóteses examinadas e a classe de verbos do português que é objeto da presente investigação. Os fundamentos teóricos que embasam a discussão das hipóteses e de sua aplicação aos fatos do português são os apresentados em Aspects of the Theory of Syntax (Chomsky, M. MIT Press, Cambridge, Mass. 1965).

Autor: Cláudia Sabina Madureira

Orientador: A. Carlos Quicoli

ÍNDICE

	Página
1. Introdução.....	1
2. As hipóteses.....	3
2.1. A hipótese das duas EPs.....	5
2.3. A hipótese pré-cíclica.....	9
NOTAS.....	22
3. As duas hipóteses e os fatos do português.....	23
3.1. Duas EPs para <u>começar</u> ?.....	23
3.2. Prós e contras da hipótese pré-cíclica.....	43
NOTAS.....	61
4. Conclusões e inconclusões.....	64
4.1. De duas, nenhuma.....	64
4.2. Uma extensão necessária.....	67
4.3. Hipóteses em funcionamento.....	68
NOTAS.....	71
BIBLIOGRAFIA.....	72

1. Introdução

Considerem-se as seguintes sentenças do português:

- (1) João começou a correr
- (2) Maria parou de fumar
- (3) Pedro continua a ler o jornal

As formas verbais sublinhadas têm em comum a propriedade de afirmar alguma coisa sobre a ocorrência ou a não-ocorrência da proposição associada em relação a um determinado ponto no tempo. Assim, começou em (1) diz que José correr ocorreu, após uma não-ocorrência pressuposta. Em (2), parou afirma a não-ocorrência de Maria fumar, após uma ocorrência pressuposta. Continua, em (3), afirma a ocorrência de Pedro ler o jornal num determinado momento, pressupondo a ocorrência do mesmo fato antes desse momento. Sem dúvida, podemos juntar estes verbos numa classe por um critério semântico. Chamemos os verbos desta classe de "verbos do tipo começar". Considerando-se que verbos que predicam toda uma proposição são chamados aspectuais, podemos dizer que os verbos do tipo começar formam uma subclasse dos aspectuais.

Neste trabalho procuramos chegar a uma hipótese adequada para o tratamento destes verbos dentro do quadro teórico da teoria gerativa transformacional, tal como exposta em Chomsky (1965). O aparato descritivo desta teoria compreende um componente sintático, um componente semântico e um componente fonológico. O componente sintático consiste de (i) uma base, constituída por regras de estrutura frasal e um léxico. As regras de estrutura frasal geram um conjunto de objetos formais, marcadores frasais (MF); o léxico fornece itens para serem inseridos nos MFs. Existe um nível bem definido, para cada sentença da língua, chamado estrutura profunda (EP), representado pelo MF no qual se

completaram as inserções lexicais, onde se definem, entre os itens lexicais, as relações gramaticais pertinentes para a interpretação semântica. (ii) um conjunto de regras transformacionais que levam de MF a MF, a partir de EP até o MF final, estrutura superficial, definida como aquele MF em que todas as transformações já se aplicaram. A EP é o "input" do componente semântico, que fornece a interpretação semântica das sentenças. A ES é interpretada pelo componente fonológico, que dá sua forma fonética.

O propósito do presente trabalho pode, então, ser melhor definido. Trata-se de apresentar uma descrição adequada para as EPs em que ocorrem os verbos em questão, bem como formular as regras transformacionais aplicáveis a estas EPs no processo de superficialização.

Na literatura transformacional foram feitas algumas propostas concorrentes para a análise de uma classe de verbos do inglês semelhante à classe de verbos do tipo começar. Perlmutter (1968) estuda especificamente o verbo begin (começar), propondo que sua análise seja estendida a outros: "As propriedades de begin, aqui apontadas, se manifestam em verbos tais como start (iniciar, começar), continue (continuar) e stop (parar), e ainda em outros verbos aparentemente diferentes." (114) Outras propostas são as de Fischer e Marshall (1969) e Newmeyer (1969). Aquela discute unicamente a análise de Perlmutter (1968); esta investiga uma classe mais abrangente de verbos, incluindo outros aspectuais, além dos do tipo começar. Este trabalho é discutido aqui apenas na parte que trata de verbos do tipo begin (começar).

Na próxima seção, seção 2, estas propostas serão descritas em seus pontos essenciais, de modo a fornecer o embasamento necessário para a discussão delas, feita na seção 3. Na última seção são apresentadas as conclusões desta discussão.

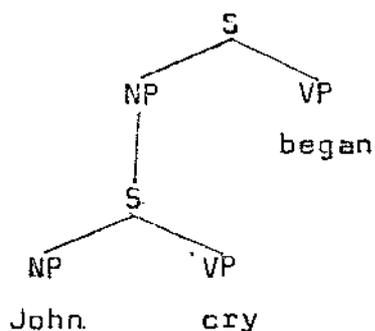
2. As hipóteses

Nesta seção vamos examinar em detalhes algumas hipóteses feitas para a análise de verbos do inglês que podem ser aplicadas aos verbos do tipo começar. Uma destas é a de Perlmutter (1968), segundo a qual verbos como begin (co-meçar) ocorrem em duas EPs diferentes. Uma sentença como

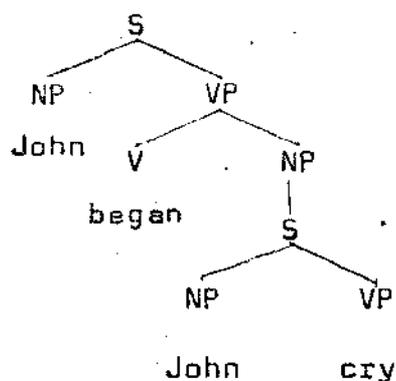
- (4) John began to cry
(João começou a chorar)

poderia ser derivada, de acordo com esta hipótese, de uma EP como (5), ou de uma como (6), abaixo.

(5)



(6)



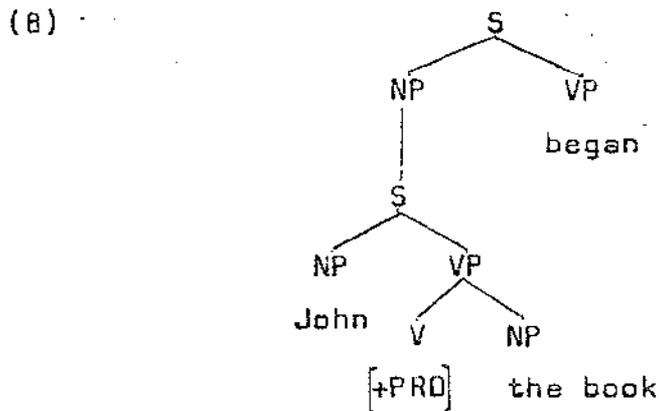
No presente trabalho esta hipótese será chamada hipótese das duas EPs.¹

Outra análise para este tipo de verbos é proposta em Newmeyer (1969). Neste trabalho são apresentados vários argumentos contra a hipótese das duas EPs e é formulada uma

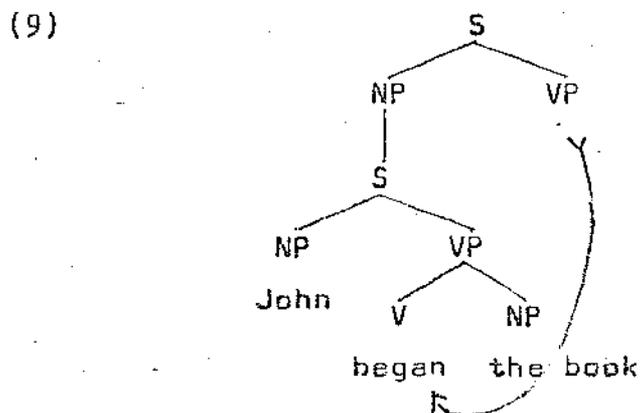
nova hipótese. Segundo esta, verbos da classe de begin ocorrem apenas em EPs como (5). Mesmo uma sentença como

- (7) John began the book
(João começou o livro)

seria derivada de uma EP como (5), em que begin é intransitivo de sujeito sentencial. John, em (7), seria sujeito de uma sentença encaixado contendo um pro-verbo. Assim a (7) corresponderia a seguinte EP:



Uma transformação pré-cíclica, ABAIXAMENTO DO ASPECTUAL, se aplicaria a (8) para produzir a estrutura derivada representada em (9).



Nas páginas que se seguem esta hipótese será chamada hipótese pré-cíclica.

tese pré-clítica.

Uma terceira análise para este tipo de verbos é apresentada em Fischer e Marshall (1969). Neste trabalho os autores apresentam argumentos contra a hipótese das duas EPs e a favor da ocorrência do verbo begin em um único tipo de EP, o tipo intransitivo representado em (5). Segundo estes autores os fenômenos que levaram Perlmutter a propor duas EPs devem ser tratados no componente semântico. Como eles mesmos afirmam, esta proposta e a hipótese das duas EPs podem ser vistas como variantes notacionais, dependendo das bases teóricas respectivas. Por esta razão, esta proposta não será apresentada.

2.1. A hipótese das duas EPs

Perlmutter (1968) argumenta em favor da ocorrência de begin em duas EPs diferentes: em uma como transitivo, com sujeito simples e complemento sentencial de objeto, e em outra como intransitivo, com sujeito sentencial. Em suas próprias palavras: "Fica aberta aqui a questão de saber se estamos tratando de dois verbos distintos, um único verbo com dois conjuntos distintos de traços contextuais, ou um único verbo cuja ocorrência nestes dois tipos de estruturas profundas é previsível de alguma forma." (114)

Assim, a uma sentença como (4) podem-se atribuir, segundo este autor, duas EPs diferentes, representadas por (5) e (6). Em (5) aplicar-se-ia obrigatoriamente uma transformação pela qual o NP sujeito da S encaixada--no caso preenchido por John--passa a ocupar a posição de sujeito na S matriz, enquanto a VP da S encaixada fica sob o VP da matriz. (Uma transformação com estes efeitos é necessária na gramática do inglês. Existe uma discussão a respeito dos detalhes desta transformação, mas ela não será abordada aqui, pois a proposta independe destes detalhes para ser examinada.) Vamos chamar esta transformação de

ALÇAMENTO DO SUJEITO. Em (6) aplicar-se-ia obrigatoriamente APAGAMENTO DO SUJEITO DO COMPLEMENTO, por identidade. Begin transitivo seria um verbo SUJEITO-IDÊNTICO, como try (tentar), exigindo identidade entre o sujeito da S a que pertence e o sujeito da S encaixada sob esta. Esta identidade, segundo Perlmutter, deve ser satisfeita no nível da EP.² A classificação de begin transitivo como verbo SUJEITO-IDÊNTICO daria conta da não-gramaticalidade de sentenças como (10):

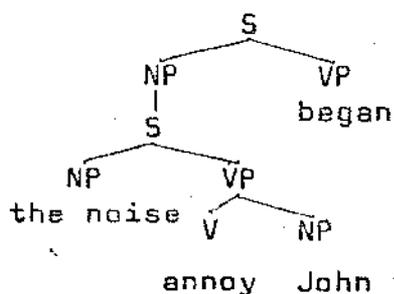
- (10) *John began for Oscar to work
(João começou a Oscar trabalhar)

Os argumentos apresentados em favor da ocorrência de begin numa EP do tipo (5) baseiam-se em fatos como:

- (11) a. The noise began to annoy John
(O barulho começou a perturbar João)
b. John began to be annoyed by the noise
(João começou a ser perturbado pelo barulho)

Se begin só ocorresse numa EP como (6), (11 a-b), que são sinônimas, teriam EPs diferentes, pois o sujeito em (11a) seria the noise, tanto na S matriz quanto na S encaixada, e em (11b) seria John, em ambas as posições. Mas se postularmos para as duas sentenças de (11) uma EP como (5), a sinonímia entre elas é explicada trivialmente. A ambas corresponderia a EP representada em (12), abaixo.

(12)



A diferença superficial entre (11a) e (11b) decorreria então da aplicação de PASSIVIZAÇÃO no ciclo de S encaixada na derivação de (11b) e não na de (11a).

Outros fatos aduzidos em favor da análise de begin como intransitivo de sujeito sentencial são os de (13).

- (13) a. The doling out of emergency rations began
(A distribuição de rações de emergência começou)
- b. Heed began to be paid to illegal methods.
(Atenção começou a ser prestada a métodos ilegais)
- c. There began to be a commotion
(Começou a haver uma agitação)
- d. It began to rain
(Começou a chover)

Em (13a) begin é, mesmo superficialmente, intransitivo. Se a EP de (13b) fosse do tipo (6), heed, item lexical de distribuição restrita à posição de objeto de algumas construções fixas (pay heed, take heed--prestar atenção), apareceria na posição de sujeito na EP. Em (13c), uma análise que só postulasse EP (6) levaria à afirmação de que there está presente na EP. Ora, existem argumentos sólidos para postular que esse item é gerado transformacionalmente.³ Postula-se que verbos da classe de rain (chover) têm como sujeito na EP um elemento "dummy". Uma análise que só previsse EPs como (6) teria que dizer que o mesmo elemento "dummy" pode ser sujeito de begin na EP correspondente a (13d), pois como se viu, begin transitivo é um verbo SUJEITO-IDÊNTICO.

Para fundamentar sua hipótese de que begin pode ocorrer numa EP do tipo (6), Perlmutter (1968) baseia-se nos seguintes fatos:

- (14) Peter is a beginner
(Pedro é um "começador" (principliante))

- (15) Begin to work!
(Começa a trabalhar!)
- (16) I tried to begin to work
(Tentei começar a trabalhar)
- (17) a. Sam began the job
(Sam começou o serviço)
b. The job was begun by Sam
(O serviço foi começado por Sam)
- (18) Peter began enthusiastically but soon got tired
(Pedro começou com entusiasmo mas logo cansou)

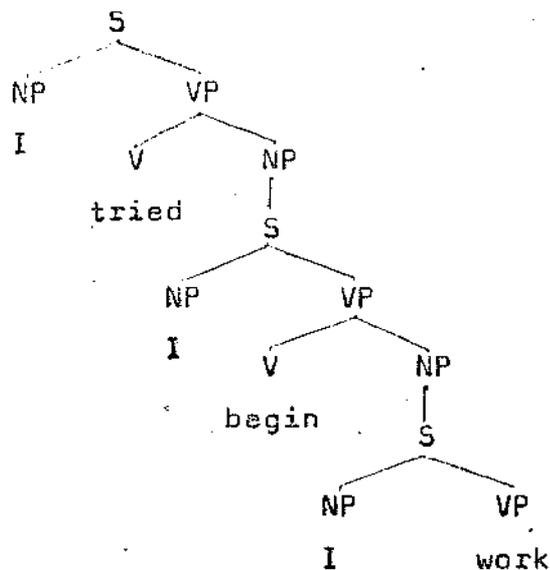
Verbos intransitivos com sujeito sentencial, como seem (parecer) e happen (acontecer), não têm agentivos correspondentes.

- (19) a. *John is a seemer
(João é um "parecedor")
b. *John is a happener
(João é um "acontecedor")

(14), então é tomado como evidência de que begin tem um comportamento sintático diferente dos verbos que são só intransitivos de sujeito sentencial. Estes verbos, além disso, não formam imperativo. Segundo tese de Perlmutter as sentenças imperativas têm segunda pessoa como sujeito na EP. Da gramaticalidade de (15) decorreria que begin pode ter segunda pessoa como sujeito na EP, ou seja, sujeito simples, não-sentencial e animado.

O argumento baseado em (16) desenvolve-se da seguinte maneira. Try (tentar) é um verbo SUJEITO-IDENTICO. Ou seja, se o sujeito da S em que está try é I, o sujeito da S imediatamente inferior será também I. O sujeito de begin na EP correspondente a (16) não poderia então ser sentencial. Esta EP teria, aproximadamente, a configuração seguinte:

(20)



Begin como transitivo tomaria também objetos simples. Tal seria o caso em (17a). A existência da passiva correspondente, (17b), fica assim explicada. (18) mostra que begin transitivo se comporte como eat (comer), read (ler), verbos transitivos, no que diz respeito a APAGAMENTO DO OBJETO.

Perlmutter (1968) conclui dizendo que uma gramática do inglês que não prevê a ocorrência de begin nos dois tipos de EP, representadas por (5) e (6), não pode ser considerada adequada.

2.2. A hipótese pré-cíclica

Newmeyer (1969) trata de uma classe mais abrangente de verbos--que chama de "verbos aspectuais"--da qual os verbos do tipo begin constituem uma subdivisão. Segundo este trabalho, os verbos aspectuais se caracterizam semanticamente por funcionarem como predicados de toda uma proposição. Um exemplo deste tipo de verbos é happen (acontecer).

- (21) a. It happens that John is here
(Acontece que João está aqui)
- b. John happens to be here
(João acontece de estar aqui)

Nos dois exemplos acima, embora a ordem das palavras seja diferente em (21a) e (21b), o que "happen" é sempre que "John is here". Ou seja, em ambos os casos happen predica a proposição "John be here".

Sintaticamente, diz Newmeyer, estes verbos apresentam propriedades características:

- (22) são sempre intransitivos com sujeito sentencial na EP;
- (23) manifestam sempre certas restrições de co-ocorrência, a saber:
 - a. não ocorrem com advérbios independentemente da proposição associada (sentença sujeito);
 - b. não selecionam tempo (nem aspecto) independentemente da proposição associada.

(24 a-b) demonstram que begin apresenta as propriedades (23 a-b), respectivamente.

- (24) a. *John began at ten o'clock to work at midnight
(João começou às dez horas a trabalhar à meia-noite)
- b. *John was beginning to go next week
(João estava começando a ir na próxima semana)

Tal comportamento contrasta com o de verbos como try (tentar) e condescend (condescender), como se pode ver pela gramaticalidade das sentenças abaixo.

- (25) a. John condescended at ten o'clock to work at midnight
(João condescendeu às dez horas em trabalhar à meia-noite)
- b. John was trying to work next week
(João estava tentando trabalhar na semana que vem)

Discutindo a hipótese das duas EPs, Newmeyer observa que por esta hipótese begin transitivo deve ser um verbo SUJEITO-IDÊNTICO, como try. Mas mesmo nos casos em que para a hipótese das duas EPs begin só pode ser transitivo, i.e., quando encaixado sob um verbo SUJEITO-IDÊNTICO, seu comportamento quanto a (23 a-b) é de verbo aspectual, como demonstra (26).

- (26) *John tried to begin at ten o'clock to work at midnight
 (João tentou começar às dez horas a trabalhar à meia-noite)

Newmeyer (1969) aduz contra-exemplos para a hipótese das duas EPs, sobretudo para os argumentos baseados nas condições de NPs IDÊNTICOS e para a exigência de segunda pessoa na EP de sentenças imperativas. Não vamos aqui repetir essa discussão. Antes vejamos a hipótese alternativa que oferece e os argumentos em que ela se baseia.

Como vimos acima, para Newmeyer (1969) os verbos do tipo begin pertencem à classe mais ampla dos aspectuais, e, como tal, ocorrem sempre numa EP como (5), ou seja, como intransitivos com sujeito sentencial. A este tipo de EP aplica-se uma transformação que coloca o sujeito da S encaixada na posição de sujeito da S matriz e, ao mesmo tempo, junta a VP da S encaixada à VP da matriz. Ou seja, a mesma transformação proposta por Perlmutter (1968) para esta configuração, e que chamamos de ALÇAMENTO DO SUJEITO. Como (27)--

- (27) It began for John to work
 (Começou a João trabalhar)

--não é gramatical, esta transformação seria obrigatória para os verbos do tipo begin.

Há, porém, observa o autor, muitas sentenças em que--na superfície--os verbos do tipo begin parecem ter outros traços contextuais. Como, por exemplo, nas sentenças de (28), abaixo.

- (28) a. John began the job
(João começou o serviço)
b. The sermon began
(O sermão começou)

Nestas, begin apresenta superficialmente os traços contextuais [+__NP] e [+__#]. (28a) inclusive parece paralela a (29)

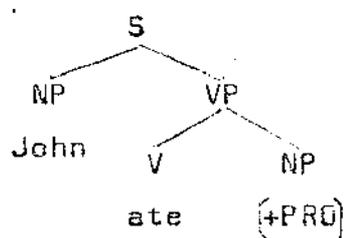
- (29) John ate the apple
(João comeu a maçã)

Este paralelismo parece existir também entre as sentenças de (30) e as de (31).

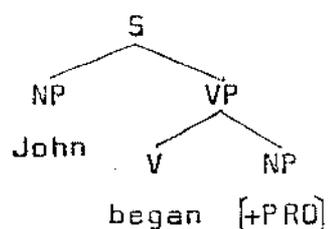
- (30) a. John ate something
(João comeu algo)
b. John ate
(João comeu)
(31) a. John began something
(João começou algo)
b. John began
(João começou)

Então, se a EP das sentenças de (30) pode ser representada por (32), abaixo, a das sentenças de (31) deveria ser (33).

(32)



(33)



O autor faz notar, porém, que atribuir as sentenças de (31) uma EP como (33) tem sérios inconvenientes. O primeiro diz respeito à leitura verbal implícita, sempre possível com begin NP, mas nunca com eat NP, como se vê em (34) e (35), abaixo.

(34) John began (doing) something
(João começou (a fazer) algo)

(35) John ate (doing) something
(João comeu (a fazer) algo)

Enquanto (34) é paralela a (31), (35) não pode ser entendida como paralela a (30).

Examinando melhor a questão da leitura verbal implícita, Newmeyer ressalta que o verbo implícito pode ser restringido semanticamente. Observa que

(36) The man began the sermon
(O homem começou o sermão)

é compatível com qualquer das sentenças de (37)--

(37) a. The man began delivering the sermon
(O homem começou a fazer o sermão)

- b. The man began writing the sermon
(O homem começou a escrever o sermão)
- c. The man began reading the sermon
(O homem começou a ler o sermão)

--mas não com as de (38)--

- (38) a. The man began hearing the sermon
(O homem começou a ouvir o sermão)
- b. The man began listening to the sermon
(O homem começou a escutar o sermão)

Da mesma forma, para

- (39) Mary began dinner
(Maria começou o jantar)

pode-se subentender cooking (a cozinhar), preparing (a preparar), eating (a comer), mas não smelling (a cheirar), seeing (a ver).

A partir destas observações, Newmeyer chega às seguintes conclusões:

1-a leitura verbal implícita não pode violar regras de seleção. Ou seja, para (39) nunca será algo como (40).

- (40) Mary began persuading dinner
(Maria começou a persuadir o jantar)

2-a leitura verbal implícita é um subconjunto das interpretações semânticas possíveis representadas pelos verbos que podem ocorrer superficialmente entre begin e um NP objeto. Ou seja, as sentenças de (38) são gramaticais, mas não são compatíveis com a de (36). O verbo implícito pertence à classe de verbos que "denotam uma atividade

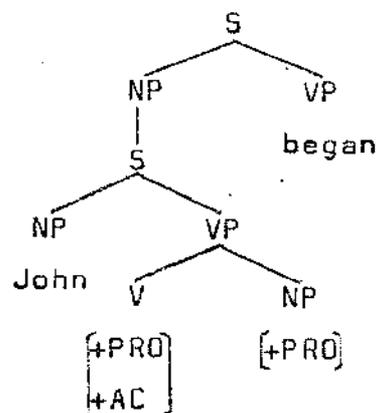
não-instantânea, não-perceptual, "sobre a qual o sujeito pode ter um controle consciente" (63). Eat (comer), read (ler) e write (escrever), por exemplo, são verbos desta classe, a qual Newmeyer denomina "classe dos verbos de atividade contínua" ("continuing activity"), ou, mais simplesmente, verbos AC.

Ora, uma EP como (33) não dá conta dessa leitura verbal implícita.

O segundo inconveniente de uma análise que atribua a EP de (33) a (31) surge da necessidade de estabelecer as restrições seletivas operantes entre begin e seu objeto aparente. Newmeyer observa que só podem ocorrer na posição de objeto em uma construção begin NP os mesmos NPs que são objetos possíveis em uma construção com verbos AC. Portanto, as restrições para este begin repetiriam todas as restrições da classe AC, o que seria indesejável.

Atribuindo a (31) a EP representada abaixo, (41), Newmeyer se propõe a contornar estes dois inconvenientes apontados.

(41)



Observe-se que com esta EP a leitura verbal implícita fica prevista e a questão das restrições seletivas toma outro aspecto. A gramática não estabelece restrições entre um verbo na S matriz e o NP objeto na S encaixada.

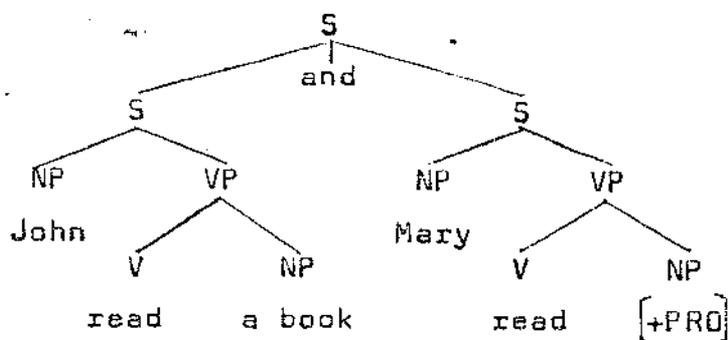
Com a delimitação do pro-verbo AC surge a seguinte formulação: só possíveis objetos de verbos AC ocorrem como objetos superficiais de begin.

O terceiro inconveniente de uma análise que tenha um begin transitivo relaciona-se com a regra de INSERÇÃO DE TOO (TAMBÉM). Considerem-se as seguintes sentenças:

- (42) a. John read a book and Mary read too
(João leu um livro e Maria leu também)
- b. John began a book and Mary began too
(João começou um livro e Maria começou também)

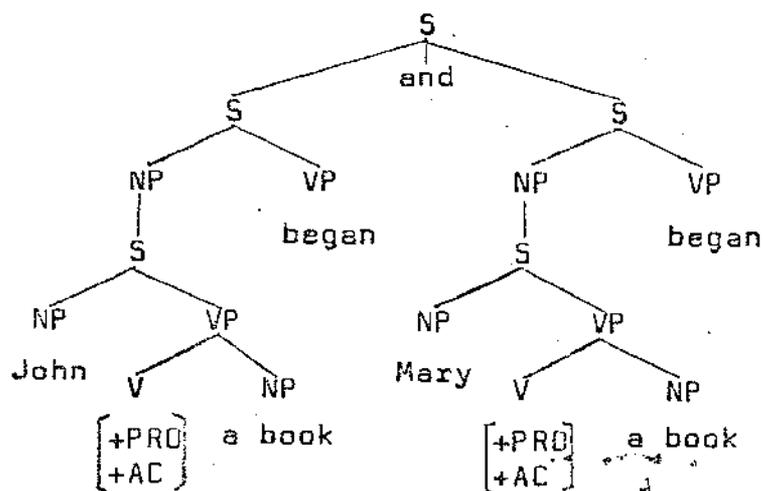
(42a) pode ser seguida por "but Mary didn't read a book" ("mas Maria não leu um livro"). Se acrescentarmos "but Mary didn't begin a book" ("mas Maria não começou um livro") a (42b), o resultado é um contra-senso. Este fato, diz Newmeyer, que não pode ser explicado por uma análise que trate begin como transitivo simples, é uma decorrência trivial dentro de sua proposta. Da seguinte maneira. Em conjunções de Ss com verbos transitivos de objeto simples pode-se inserir too (também) após apagamento desse objeto mesmo que o objeto apagado seja diferente do objeto da S precedente. Isto é, mesmo que o objeto da segunda S da conjunção não seja apagado por identidade com o da primeira, mas simplesmente por ser uma forma PRO, que pode não ter realização fonológica. Já com verbos de complementação sentencial a INSERÇÃO DE TOO só pode estar ligada à regra de APAGAMENTO DE VP.⁴ Esta regra exige identidade entre as VPs do conjunto a que se aplica. Assim, (43), abaixo, seria uma possível representação da EP de (42a).

(43)



Já a EP de (42b) não pode ter esta configuração, mas sim a representada em (44).

(44)



Entretanto, continua Newmeyer, o comportamento de begin em outras construções sintáticas parece justificar sua classificação como verbo transitivo AC. Como estes verbos, begin ocorre em sentenças em cuja derivação se aplicou APAGAMENTO DO OBJETO, como é o caso de (45b).

- (45) a. John ate
(João comeu)
- b. John began
(João começou)

Além disso, begin apresenta formas de:

--NOMINALIZAÇÃO AGENTIVA:

- (46) a. John is a writer
(João é um escritor)
- b. John is just a beginner
(João é apenas um "começador" (principliante))

--NOMINALIZAÇÃO EM ING:

- (47) a. Mary's writing is difficult to understand
(A escrita de Maria é difícil de entender)
- b. The beginning is always hard
(O começo é sempre difícil)

Begin ocorre ainda em outras sentenças que tiveram em sua derivação outras transformações não específicas dos verbos AC, mas que não se aplicam a verbos intransitivos de sujeito sentencial:

--PASSIVIZAÇÃO:

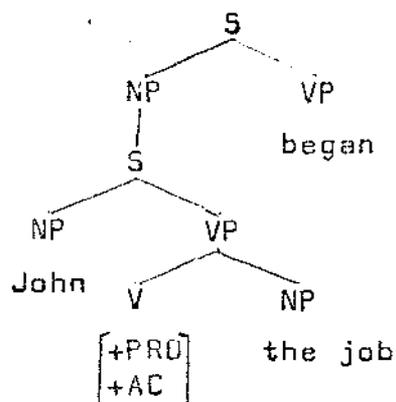
- (48) The book was begun by John
(O livro foi começado por João)

--FORMAÇÃO DE IMPERATIVO:

- (49) Begin your homework!
(Comece seu dever de casa!)

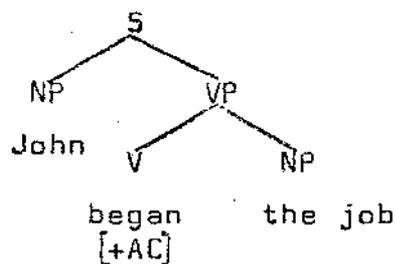
Na proposta em questão estes fatos são explicados da seguinte maneira: begin adquire os traços sintáticos de verbo AC transformacionalmente, através de uma regra pré-cíclica de ABAIXAMENTO DO VERBO ASPECTUAL. Tal regra se aplicaria obrigatoriamente a EPs como (50)--em que há um verbo, AC, na S encaixada sob begin--

(50)



--produzindo algo como

(51)



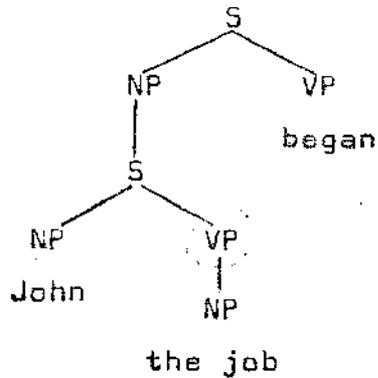
--que corresponde à sentença

(52) John began the job
(João começou o serviço)

Os traços sintáticos que began adquire por esta transformação habilitam-no às transformações (45), (48) e (49) e, possivelmente, com (46) ^e (47). *restauração de*

Para propor uma regra pré-cíclica Newmeyer argumenta da seguinte forma. Supondo-se que esta regra não existisse, seria preciso ter uma regra de APAGAMENTO DE PRO (VERBO). Se esta regra de apagamento fosse aplicada antes de ALÇAMENTO DO SUJEITO, isto é se fosse pré-cíclica ou cíclica, ter-se-ia, a partir de (50), (53), abaixo.

(53)



Pela convenção de "poda de galhos" ("tree-pruning") de Ross (1967), segundo Newmeyer (1969), o nó VP da S encaixada seria cortado. ALÇAMENTO DO SUJEITO, obrigatório, não poderia se aplicar e a derivação seria bloqueada.

Uma alternativa seria ter uma regra de APAGAMENTO DE PRO pós-cíclica, mas nesse caso deveria ser possível a aplicação de PASSIVIZAÇÃO no ciclo da S que contém o verbo. Mas a aplicação de PASSIVIZAÇÃO na S encaixada de (50) resultaria em algo como:

(54) The job began by John
(O serviço começou por João)

Esta sentença não é sinônima de (52) e não deve ser gerada na gramática como tal.

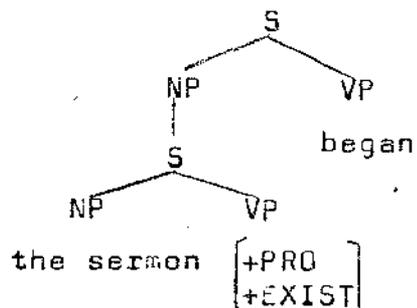
Então, como APAGAMENTO DE PRO parece ser inviável, torna-se necessária uma regra de incorporação, através da qual begin adquira os traços sintáticos de verbo AC. Newmeyer considerou ainda a possibilidade de atribuir à regra de ALÇAMENTO DO SUJEITO essa incorporação, mas esta alternativa teria os mesmos inconvenientes de um apagamento pós-cíclica quanto à aplicação de PASSIVIZAÇÃO. Optou então pela regra pré-cíclica de ABAIXAMENTO DO ASPECTUAL, mencionada acima.

Para dar conta de sentenças como as de (55)--

- (55) a. The sermon began
(O sermão começou)
- b. The party began
(A festa começou)

--às quais não se pode atribuir uma leitura verbal implícita de verbo AC (*The sermon began doing something--O sermão começou a fazer algo), Newmeyer estende a aplicabilidade da regra de ABAIXAMENTO DO ASPECTUAL. Além de se aplicar a EPs onde há um pro-verbo AC na S encaixada sob begin, esta regra se aplicaria também às EPs como (56), abaixo, em que o pro-verbo na posição relevante é existencial.

(56)



Assim, as restrições de seleção se explicam trivialmente. Só ocorrem como sujeito superficial de NP begin# aqueles NPs que podem ocorrer como sujeito de verbos existenciais como occur (ocorrer), take place (realizar-se) etc.

NOTAS

1. Os detalhes irrelevantes à discussão foram omitidos na apresentação das EPs. p.3

2. A condição SUJEITO-IDÊNTICO é uma das condições sobre EP postuladas por Perlmutter em sua dissertação de doutorado, Deep and Surface Structure Constraints in Syntax, MIT (1968). Parte deste trabalho foi posteriormente publicada e consta de nossa bibliografia como Perlmutter (1971). As condições sobre EP, segundo este trabalho, estariam encarregadas de filtrar estruturas cuja má-formação se deve à incompatibilidade de itens lexicais inseridos em níveis diferentes de encaixe. No inglês, a condição SUJEITO-IDÊNTICO seria manifestada pelos verbos try (tentar) e intend (pretender), entre outros. Isto quer dizer que o NP sujeito de uma S encaixada sob estes verbos deve ser idêntico ao NP sujeito da S em que estes mesmos verbos estão, ao nível da EP. Uma condição semelhante é OBJETO-IDÊNTICO. Esta condição seria imposta por verbos como force (forçar) e persuade (persuadir), que exigiriam identidade entre o NP objeto da S em que estão e o NP sujeito da S imediatamente encaixada. Os argumentos baseados nas condições SUJEITO-IDÊNTICO e OBJETO-IDÊNTICO se desenvolvem paralelamente. Por esta razão só apresentaremos aqui o primeiro caso. p.6

3. A argumentação no sentido de mostrar que there deve ser tratado como um item introduzido por transformação é apresentada com algum detalhe em Perlmutter (1968:116, nota 6). p.7

4. A regra de APAGAMENTO DE VP é discutida em Ross (1969). p.16

3. As duas hipóteses e os fatos do português

No português há uma classe de verbos paralela àquela do inglês tratada nos trabalhos apresentados na seção anterior. Nesta classe estão os verbos começar, continuar e parar, entre outros, tal como ocorrem em:

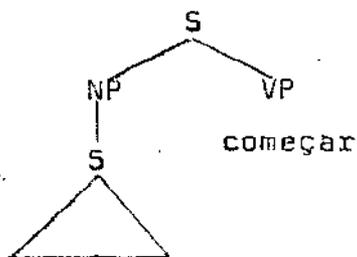
- (57) a. João começou a chorar
b. Maria continuou a ler
c. Pedro parou de chorar

Esse paralelismo e os objetivos das pesquisas feitas dentro da teoria transformacional--que se ligam ao desenvolvimento da teoria geral das gramáticas--justificam a discussão das hipóteses das duas EPs e pré-cíclica quanto a sua adequação aos fatos do português. Esta discussão se fará nesta seção.

3.1. Duas EPs para começar?

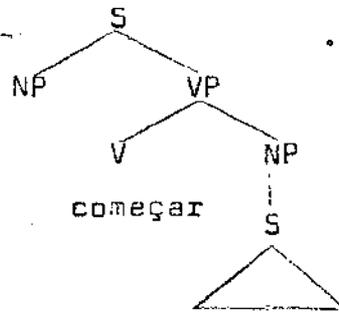
Como vimos na seção 2.1, pela hipótese das duas EPs teríamos ou dois verbos começar, dois verbos continuar, dois verbos parar, ou pelo menos duas configurações distintas de EPs em que estes verbos poderiam ocorrer. Numa delas esses verbos seriam intransitivos, com complementação de NP sujeito, na nomenclatura de Rosenbaum (1967). Na outra seriam transitivos, com complementação de NP objeto. Estas configurações estão representadas em (58), abaixo, (a) e (b), respectivamente.

(58) a.



(paralela a (5))

b.



Começar com complementação de NP objeto, (58b), seria, necessariamente, um verbo do tipo SUJEITO-IDÊNTICO. (v. nota 2, Seção 2). Assim estaria prevista a não-gramaticalidade de sentenças como

(59) *João começou a Pedro trabalhar

Dos argumentos apresentados em favor de uma EP como (58a) para os verbos do tipo begin, são válidos para começar no português os seguintes:

--ocorrência como intransitivo na ES, como em (60);

(60) O pagamento das indenizações começou ontem

--ocorrência em sentenças como (61);

(61) Começou a chover

Chover, como rain em inglês, tem na EP um sujeito "dummy". Se começar só ocorresse numa EP como (58b), este sujeito "dummy", cuja presença é previsível para uma classe restrita de verbos--que inclui verbos como chover, nevar, ventar--teria que aparecer também como sujeito de começar, pois começar transitivo seria um verbo SUJEITO-IDÊNTICO.

--a sinonímia das sentenças como as de (62);

(62) a. A CEMIG começou a pagar as indenizações aos fazendeiros.

- b. As indenizações começaram a ser pagas aos fazendeiros pela CEMIG

Se começar só ocorresse em EPs como (58b) seria difícil explicar esta sinonímia, pois os NPs sujeito na EP de (62a) seriam a CEMIG, tanto na S encaixada quanto na matriz. E na EP de (62b) seriam as indenizações em ambas as posições.

--ocorrência de certos itens lexicais como sujeito superficial de começar.

Existem em português alguns itens lexicais de ocorrência restrita à posição de objeto em construções fixas. Tal é o caso de socorros em enviar socorros. Para explicar a ocorrência de socorros (na forma plural e sem determinante) na posição de sujeito em sentenças como

(63) Socorros começaram a ser enviados
é preciso recorrer a uma EP como (58a).

O argumento baseado na inserção de there não apresenta paralelos em português.

Portanto, dos argumentos em favor de uma estrutura como (58a) quatro se mantêm em português e um, por não apresentar paralelos nesta língua, não é pertinente nesta discussão.

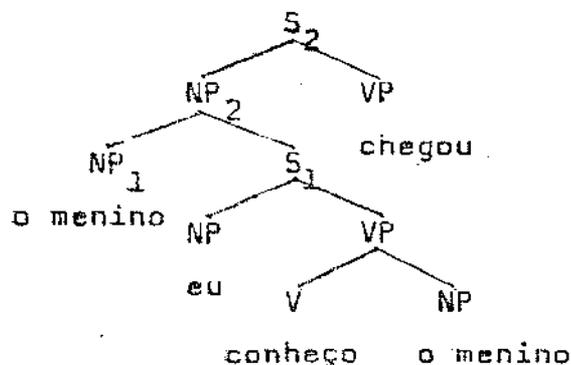
Para discutir os argumentos em favor de começar transitivo começemos pelo que se baseia na condição SUJEITO-IDÊNTICO. Como vimos, essa condição é duplamente importante para a hipótese das duas EPs:

1-porque começar com complementação de NP objeto seria um verbo SUJEITO-IDÊNTICO;

2-porque um dos argumentos da hipótese se baseia nesta condição.

As condições sobre EPs foram postuladas por Perlmutter para filtrar estruturas mal-formadas que não poderiam ser filtradas pelos mecanismos propostos em Chomsky (1965). Chomsky (1965:141) propõe transformações obrigatórias como únicos filtros para os casos em que a má-formação de uma sentença decorra da incompatibilidade sintática entre itens lexicais inseridos em diferentes níveis de encaixe, i.e., em Ss diferentes de um mesmo marcador frasal. A transformação de RELATIVIZAÇÃO, por exemplo, tem esta função filtradora. Tomemos a seguinte representação de EP:

(64)

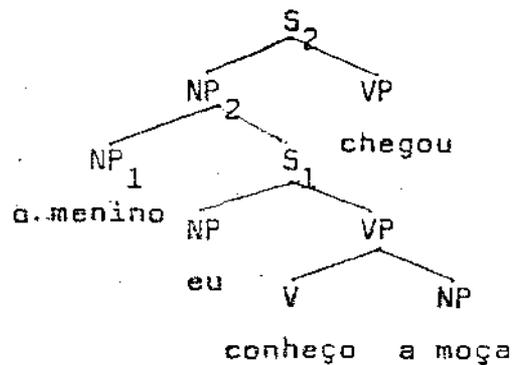


De acordo com proposta de Jacobs e Rosenbaum (1968), RELATIVIZAÇÃO se aplica obrigatoriamente a uma estrutura como a dominada por NP_2 . Essa transformação exige identidade entre NP_1 , ou "antecedente", e um NP de S_1 . Da aplicação dessa transformação--e das demais transformações obrigatórias--resulta a sentença bem-formada de (65).

(65) O menino que eu conheço chegou

Uma vez que o formalismo proposto em Chomsky (1965) não estabelece restrições para a inserção de itens lexicais sob categorias terminais N, a não ser as de subcategorização estrita, podemos supor uma marcador frasal que após a inserção lexical se apresentasse como (66).

(66)



Neste caso não existe identidade entre NP₁ e um NP de S₁, portanto, RELATIVIZAÇÃO não pode se aplicar. Ora, como dissemos anteriormente, esta transformação é obrigatória para uma configuração como a dominada por NP₂. Então a derivação é bloqueada e (66) é definida como uma EP mal-formada.

Lakoff (1965) propõe uma extensão dos dispositivos filtradores para dar conta de fatos como os seguintes:

- (67) a. I tried to leave
 b. *I tried for Peter to leave
 c. John wanted to leave
 d. John wanted (for) Peter to leave

que correspondem às seguintes sentenças do português:

- (68) a. Tentei sair
 b. *Tentei que Maria saísse¹
 c. João queria sair
 d. João queria que Pedro saísse

Iry e want--em português, tentar e querer--são verbos de complementação de NP objeto, isto é, ocorrem em estruturas como (58b), na posição em que nesta está começar. Iry--e tentar no português--não ocorre superficialmente com sujeitos diferentes na matriz e no complemento, conforme

ilustrado por (67b)--e (68b). Já com querer e want isto não acontece, como se pode ver por (68d) e (67d). Não se pode dizer que com uma configuração de complementação de NP objeto é obrigatório o APAGAMENTO POR IDENTIDADE (EQUI) do sujeito do complemento: enquanto esta formulação dá conta do caso de try e tentar, é inadequada para verbos como want e querer. De acordo com Chomsky (1965), uma transformação obrigatória deve se aplicar desde que se encontre na derivação de uma sentença a descrição estrutural de tal transformação. Ora, com verbos como try e tentar não só a regra de APAGAMENTO POR IDENTIDADE deve se aplicar quando a descrição estrutural for encontrada, mas, além disso, essa descrição deve ser atingida ou o resultado será uma sentença não-gramatical. A proposta de Lakoff (1965) é classificar tais verbos como "exceções absolutas positivas" para APAGAMENTO POR IDENTIDADE. A noção de exceção absoluta positiva sempre se relaciona a um verbo. Quando um verbo é marcado no léxico como exceção absoluta positiva para uma determinada regra, isto quer dizer:

- 1-que na derivação de uma sentença onde este verbo ocorra a descrição estrutural da regra em questão deve ser atingida;
- 2-que a regra deve se aplicar.

Essa extensão dos mecanismos filtradores de estruturas mal-formadas envolve modificações no arcabouço teórico de Chomsky (1965), introduzindo no léxico "traços de regras" ("rule features") e "traços de descrição estrutural" ("structural description features"). Com estas modificações ficaria preservado o esquema geral: as restrições à inserção lexical restritas ao âmbito de uma S--para os itens V, já que a dos itens N é livre; além destas restrições, as transformações seriam os únicos filtros. Por exemplo, se tentar é marcado no léxico como exceção absoluta positiva à regra de APAGAMENTO POR IDENTIDADE, a

identidade entre os NPs relevantes deve existir no momento da aplicação da regra--que é então obrigatória para este verbo--, ou a derivação é bloqueada.

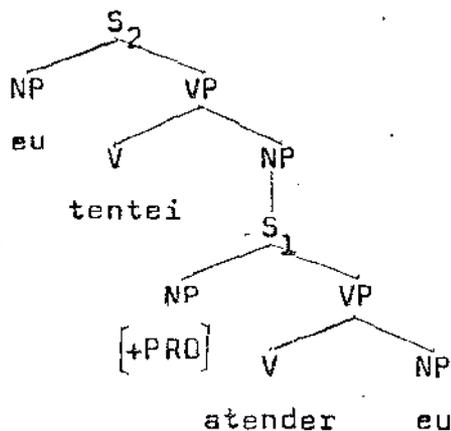
Perlmutter (1971) apresenta argumentos contra esta proposta, baseando-se em fatos do servo-croata, fundamentalmente. Nesta língua, diz ele, existem alguns verbos que exigem identidade entre NPs situados em diferentes níveis de encaixe, sem que se aplique às estruturas em que ocorrem APAGAMENTO POR IDENTIDADE. Assim, a noção de exceção absoluta positiva não pode se estender a estes verbos, e conclui. Não há no formalismo proposto por Lakoff (1965) outra noção que dê conta de tal caso transformacionalmente. Para Perlmutter os fatos do servo-croata devem ser explicados com a inclusão na gramática de condições que operam ao nível da EP, condições sobre inserção lexical cujo âmbito ultrapassa o de uma S simples. A mesma condição de identidade seria manifestada por alguns verbos do inglês, como try (tentar), intend (pretender), con-
descend (condescender), que se classificariam então como verbos SUJEITO-IDENTICO. Os dados do servo-croata apresentados são poucos e--como o próprio autor observa (Perlmutter (1971:9))--duvidosos em alguns casos. Não podemos discutir a proposta em relação a essa língua, mas vamos mostrar a seguir os problemas que ela encontra no português.

Newmeyer (1969) dá alguns argumentos bastante fortes contra a existência de condições sobre EP de IDENTIDADE DE NPs, no inglês. Vejamos o que ocorre no português, tomando tentar como exemplo. Sejam as seguintes sentenças:

- (69) a. Tentei sair ((68a))
 b. *Tentei que Maria saísse ((68b)) (v.nota 1,
 Seção 3)
 c. Tentei ser atendido com antecedência

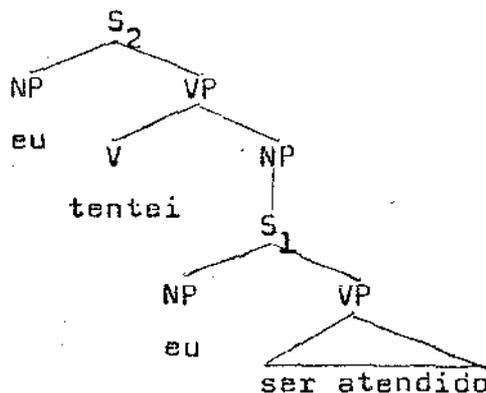
Dentro da proposta de Perlmutter (1971), a não-gramaticidade de (69b) decorre da violação da condição de SUJEITO-IDÊNTICO, para a qual tentar--paralelo a try--seria positivamente marcado. Observe-se, porém, que (69c) é gramatical, embora a condição de SUJEITO-IDÊNTICO não tenha sido satisfeita na EP, a qual pode ser representada por (70a), abaixo.

(70) a.



Após a aplicação de PASSIVIZAÇÃO no ciclo de S_1 temos:

b.

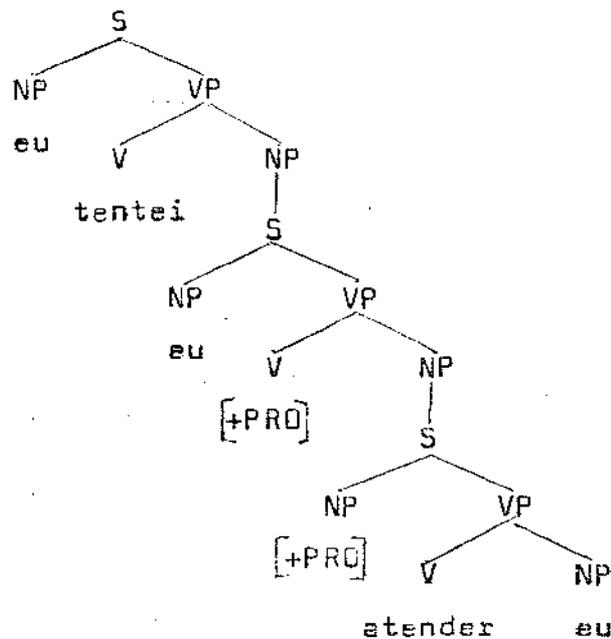


Só então há identidade entre os dois NPs sujeito. Aplicando-se APAGAMENTO POR IDENTIDADE e as demais transformações obrigatórias chega-se a uma estrutura superficial bem-formada, que corresponde a (69c).

Perlmutter, em sua tese de doutorado, observou a ocorrência de casos semelhantes no inglês (por exemplo, I tried to be arrested--Tentei ser preso).² Propôs para esses

casos uma análise que envolve a ocorrência de um pro-verbo entre o verbo SUJEITO-IDÊNTICO e a S encaixada. Este pro-verbo seria semanticamente equivalente a um causativo (como get, make--conseguir, fazer). Assim, a EP correspondente a (69c) seria (70c), abaixo, e não (70a).

(70) c.



Entretanto, se o pro-verbo é postulado para explicar a gramaticalidade de (69c), fica sem explicação a não-gramaticalidade de (69b), uma vez que a sentença encaixada seria um complemento da sentença contendo o pro-verbo.

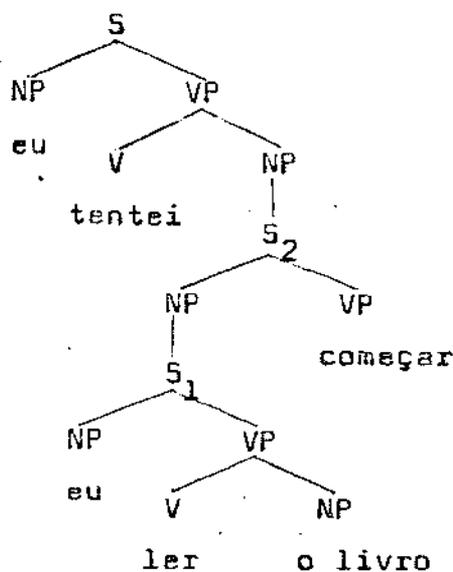
Vemos então que o pro-verbo de Perlmutter é uma solução inadequada, pois dá conta de um certo número de casos, mas falha em outros. A condição SUJEITO-IDÊNTICO, tal como apresentada em Perlmutter (1971) não funciona na gramática do português. A exigência de identidade entre os NPs sujeito de uma S que contém tentar e de outra encaixada imediatamente sob esta, não será, então, adequadamente tratada se for formalizada como condição sobre EP. Com o formalismo proposto em Lakoff (1965) pode-se perfeitamente dar conta dos fatos, marcando-se os verbos do tipo tentar como exceções absolutas positivas para a regra de APAGAMENTO POR IDENTIDADE.

Isto quer dizer que no caso dos verbos como tentar, em português, a exigência é de que existam condições para aplicação de APAGAMENTO POR IDENTIDADE (EQU1) no momento relevante, não ao nível de EP. Assim, uma sentença como (72), abaixo--

(72) Tentei começar a ler o livro

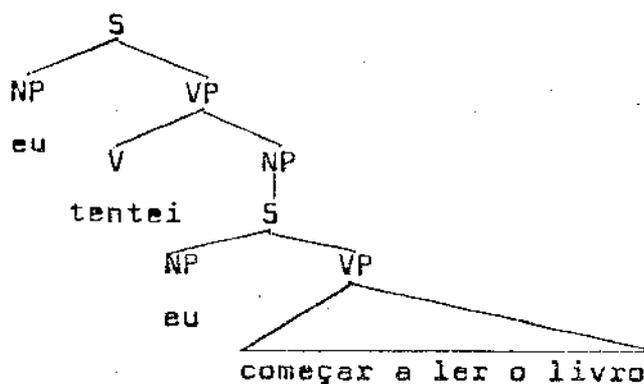
--deixa de ser uma evidência de que começar ocorre com sujeito simples e complementação de NP objeto. A EP de (72) pode ser representada por (73a), abaixo.

(73) a.



Após a aplicação--obrigatória--de ALÇAMENTO DO SUJEITO em S₂, encontra-se condição para a aplicação de APAGAMENTO POR IDENTIDADE. O marcador resultante seria (73b).

b.



Então, se a condição SUJEITO-IDÊNTICO é inadequada para a gramática do português, os argumentos em favor de começar transitivo nela baseados não se mantêm.

Um outro argumento em favor de uma EP como (58b) seria, segundo Perlmutter (1968), a ocorrência de começar em sentenças imperativas. Com efeito, temos em português sentenças como as de (74).

- (74) a. Comece a trabalhar!
 b. Continue escrevendo!
 c. Pare de cantar!

De acordo com Perlmutter (1968), sentenças imperativas têm necessariamente segunda pessoa como sujeito na EP. Assim, um verbo de sujeito sentencial não poderia ocorrer como principal numa sentença imperativa. Este seria o caso de seem--parecer, no português. Por esta razão, (75 a-b), abaixo, seriam sentenças más.

- (75) a. *Please, seem sad
 b. *Por favor, pareça triste³

Fischer e Marshall (1969) contra-argumentam dizendo que nas construções imperativas o que importa são os traços de estatividade e controlabilidade.⁴ Um verbo [+estativo], dizem, é redundantemente [-controlável]; um verbo [-estativo] pode ser [+controlável] ou [-controlável]. Exemplificando com o português, para estes autores suar se classificaria como [-estativo, -controlável]; parecer, como [+estativo, -controlável]; e começar seria [-estativo], podendo ser [+controlável] ou [-controlável], em função do verbo da S complemento. A regra de FORMAÇÃO DE IMPERATIVO só se aplicaria a verbos [-estativo, +controlável], como correr, por exemplo. Com efeito, embora suar possa ocorrer com segunda pessoa como sujeito na EP, a sentença abai-

xo, (76), é tão estranha quanto as de (75).

(76) *Sue logo!

De acordo com a proposta de Fischer e Marshall, desde que no momento da aplicação da regra de FORMAÇÃO DE IMPERATIVO se tenha segunda pessoa como sujeito, a derivação não será bloqueada, contanto que o verbo seja [-estativo, +controlável]. Então, começar pode ser intransitivo com sujeito sentencial e, através de transformação, vir a ter segunda pessoa como sujeito. Se o verbo do complemento de começar for [+controlável], começar também o será; se o verbo for [-controlável], assim será começar. Assim é que estes autores explicam porque (77a) é uma boa sentença enquanto (77b) é tão estranha quanto (76).

- (77) a. Comece a correr logo!
b. *Comece a suar logo!

Observe-se que sem levar em consideração traços de controlabilidade Perlmutter não tem como dar conta dos fatos de (77).

A contra-argumentação de Fischer e Marshall (1969) não é, porém, suficientemente forte para invalidar o argumento de Perlmutter (1968), pois apenas mostra que a FORMAÇÃO DE IMPERATIVO está, de alguma forma, vinculada à controlabilidade dos verbos envolvidos. Isto não quer dizer que a condição de segunda pessoa como sujeito de EP não se mantenha. A existência dessa condição poderia ser negada se encontrássemos fatos em que a presença de segunda pessoa na posição de sujeito resultasse, claramente, da aplicação de uma transformação. Ou seja, se encontrássemos uma sentença imperativa em que o sujeito é, sem dúvida, derivado. Como transformações que efetuam movimento de itens lexicais para a posição de sujeito temos PASSI-

VIZAÇÃO, ALÇAMENTO DO SUJEITO e ALÇAMENTO DO OBJETO.

PASSIVIZAÇÃO não é de utilidade nesta discussão, pois um verbo na forma passiva é [-controlável], ou melhor, o sujeito derivado numa sentença passiva não exerce controle sobre a ação expressa pelo verbo. Consequentemente, sentenças imperativas com passiva não são boas, como se pode observar em (78).

- (78) a. Você repreende o menino
 b. Repreenda o menino!
 c. Comece a repreender o menino!
 d. Você foi repreendido pelo chefe
 e. *Seja repreendido pelo chefe!
 f. *Comece a ser repreendido pelo chefe!

ALÇAMENTO DO SUJEITO é a transformação que se aplica a alguns verbos de complementação de NP sujeito. Um verbo do português cuja inclusão nesta classe seria ponto pacífico é parecer, que como vimos é [+estativo] e, portanto, não pode ser de utilidade para resolver a questão. Aliás, entre os verbos intransitivos de complementação de NP sujeito, os que são [-estativo] são justamente os integrantes da classe em discussão no presente trabalho. Assim, os sujeitos movidos por ALÇAMENTO DO SUJEITO não nos ajudam a resolver a questão.

Existe uma hipótese de que as sentenças

- (79) a. É fácil convencer João
 b. João é fácil de convencer

têm a mesma EP, resultando a diferença nas ESs da aplicação de uma regra de ALÇAMENTO DO OBJETO na derivação de (79b) e não na de (79a). De acordo com esta hipótese, uma classe de predicados adjetivais de complementação

sentencial--tomemos ser fácil como representante da classe--pode ter como sujeito superficial o NP que na EP é o objeto da S complemento.⁵ Porém, ser fácil--bem como os demais membros da classe--é [+estativo]. Portanto, a estranheza de sentenças como

(80) ?Seja fácil de convencer

não decide a questão tampouco.

Em falta de fatos decisivos, a discussão torna-se circular. Se tomamos como premissa a existência da condição de segunda pessoa como sujeito na EP de sentenças imperativas--tal como faz Perlmutter (1968)--concluiremos que começar deve ocorrer numa EP do tipo (58b). Se, por outro lado, partirmos da premissa de que começar ocorre só com sujeito sentencial na EP, concluiremos que a condição sobre sentenças imperativas não é válida. Em suma, o argumento baseado em sentenças imperativas não é decisório.

Discutindo a questão da existência de agentivos correspondentes aos verbos do tipo begin, fischer e Marshall (1969) afirmam que também aqui o que está funcionando é o traço de estatividade. Segundo estes autores, verbos [-estativo] formam agentivos e verbos [+estativo] não. Assim, seem (parecer) e happen (acontecer) não teriam formas agentivas correspondentes por serem [+estativo], e não por terem sujeito sentencial na EP. Também por ser [+estativo] know não teria agentivo correspondente, embora tenha sujeito simples, [+animado], na EP. Contudo no português os fatos são outros. Observe-se que as sentenças abaixo são todas bem formadas.

- (81) a. João é sabedor da verdade
 b. João é conhecedor da verdade

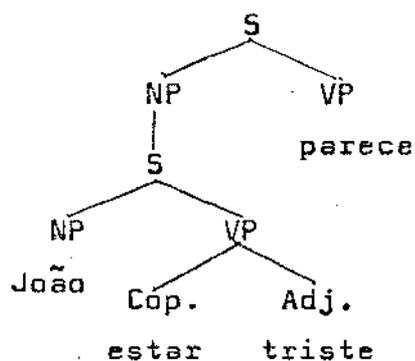
Saber e conhecer são [+estativo] e têm agentes correspondentes.⁶

A partir destes fatos podemos melhor comparar o comportamento de parecer e começar em relação à nominalização agentiva. Parecer é [+estativo] e tem complementação de NP sujeito. Observem-se as seguintes sentenças:

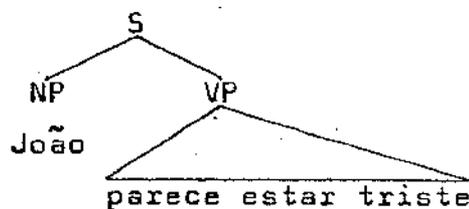
- (82) a. Parece que João está triste
b. João parece estar triste

A ambas podemos atribuir a EP representada em (83a). Aplicando-se ALÇAMENTO DO SUJEITO a esta configuração, obtém-se a estrutura derivada representada em (83b), que corresponde a (82b).

- (83) a.



- b.



Não é gramatical a nominalização agentiva correspondente a parecer, como se vê em (84).

- (84) *João é um parecedor de estar triste

Vimos em (81 a-b) que o traço de estatividade não entra em causa na formação de agentes no português, ou pelo

menos não da maneira proposta em Fischer e Marshall (1969); portanto não pode ser a explicação da gramaticalidade de (81) e da não-gramaticalidade de (84). Tampouco se pode dizer que na formação de agentivos o que importa é que o verbo relevante tenha um sujeito [+animado] em algum estágio da derivação, pois tal condição estaria satisfeita em (83b). O argumento de Perlmutter parece, então, bastante forte.

O verbo continuar pertence a mesma classe de começar. A nominalização agentiva que lhe corresponde é aceitável para qualquer falante do português.

(85) João é o continuador de um trabalho importante

Ora, esta sentença corresponde a (86a), mas não a (86b).

- (86) a. João {está continuando}
 {continua} um trabalho importante
- b. João continua a trabalhar (importantemente)

O agentivo correspondente a começar parece menos natural, mas talvez isso se deva a falhas no léxico (lexical gaps). A sentença abaixo foi aceita sem restrições por falantes não-escolarizados.

(87) João foi o começador dos trabalhos

Falantes escolarizados preferiram iniciador. Para ambos os grupos, (87) corresponde a (88a) e não a (88b).

- (88) a. João começou os trabalhos
 b. João começou a trabalhar

Vemos, portanto, que a nominalização agentiva relaciona-se não só com sujeito [+animado], mas também com VP sem

complementação sentencial, isto é, com cadeias do tipo
 NP \widehat{V} e NP \widehat{V} NP.

Observe-se que parecer ocorre em cadeias do tipo NP \widehat{V} NP, mas a nominalização agentiva correspondente é sempre agramatical.

- (89) a. João parece um menino
 NP V NP
 b. *João é parecedor de um menino

A sentença de (90a) tem na ES a mesma cadeia e a nominalização agentiva correspondente é também agramatical, como mostra (90b).

- (90) a. João lembra um menino (agora que raspou o bigode)
 NP V NP
 b. *João é lembrador de um menino

Lembrar, diferentemente de parecer, não tem sujeito sentencial, mas como este verbo permite a presença de uma frase preposicionada (Prep.Ph.) do tipo que numa gramática de casos chamar-se-ia dativo. Já com verbos do tipo começar esta frase preposicionada não ocorre. As sentenças de (91) ilustram esta afirmação.

- (91) a. João parece um artista.
 b. A mim João parece um artista
 c. João lembra um artista
 d. A mim João lembra um artista
 e. João começou uma briga
 f. *A mim João começou uma briga

Observe-se também que, tal como a NP lembrar NP, a NP parecer NP não se aplica PASSIVIZAÇÃO, enquanto a NP começar NP sim, como se vê em (92).

- (92) a. *Um artista é parecido por João
 b. *Um artista é lembrado por João (correspondente a (91c))
 c. A briga foi começada por João

Ou seja, começar pode ocorrer com o marcador que caracteriza a aplicação de PASSIVIZAÇÃO, mas parecer e lembrar não. Existem, então, diferenças entre parecer e começar que podem ser tratadas em termos de traços contextuais e às quais podem se referir as regras relativas à existência de agentivos correspondentes.

Neste ponto da discussão é interessante observar que, de qualquer forma, não é necessário postular uma EP como (58b) para dar conta da existência de agentivos, pois esta parece estar ligada não só com sujeito [+animado], mas também com VP sem complementação sentencial.

Em português encontramos sentenças paralelas a (16-17):

- (93) a. João começou o livro
 b. O livro foi começado por João

PASSIVIZAÇÃO se aplica a uma cadeia $NP \widehat{V} NP$. Na estrutura subjacente a ambas as sentenças de (93) encontramos essa cadeia. Na derivação de (93b) aplicou-se PASSIVIZAÇÃO, na de (93a) não. O argumento de Perlmutter é que a cadeia $NP \widehat{V} NP$ deve ser tida como cadeia $datEP$ das duas sentenças, pois, como esta EP é constituída por um único S, não se pode supor que esta cadeia seja resultante de uma transformação que, por exemplo, moveu um NP de outro nóculo S, como ALÇAMENTO DO SUJEITO. O argumento é forte, mas é preciso ressaltar que também neste caso temos aqui um argumento em favor de começar transitivo simples e não com complementação de NP objeto.

Temos em português fatos paralelos a (18), ou seja, sentenças com começar em cuja derivação se apagou o objeto, como em (94), abaixo.

- (94) a. João começou algo
 b. João começou
 c. João comeu algo
 d. João comeu

Também aqui começar parece apresentar um comportamento paralelo ao de alguns verbos transitivos simples.⁷

Do exame dos argumentos em favor de começar transitivo, tais como apresentados na hipótese das duas EPs, chegamos ao seguinte quadro:

1-a condição SUJEITO-IDÊNTICO não se mantém como condição sobre EP; logo, os argumentos nela baseados não são válidos;

2-a ocorrência de começar em sentenças imperativas não pode ser aduzida como evidência em favor de começar com complementação de NP objeto, pois a EP de sentenças imperativas ainda é um ponto a discutir;

3-a existência de nominais agentivos correspondentes a verbos do tipo começar é um bom argumento para a hipótese de que estes verbos ocorrem com sujeitos simples, sendo, neste caso, transitivos simples, e não de complementação de NP objeto, como propõe a hipótese das duas EPs;

4-a ocorrência de começar em sentenças às quais se aplicou PASSIVIZAÇÃO apóia a hipótese de que este verbo pode ser transitivo, mas, também neste caso, transitivo de objeto simples;

5-pode-se dizer que começar, como os transitivos simples, pode ter seu objeto apagado.

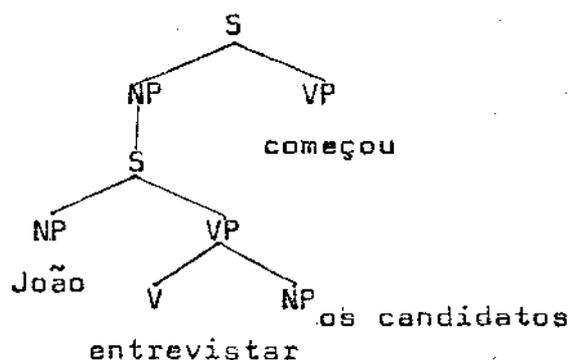
Então, de cinco argumentos se mantêm três. Mas é preciso

ressaltar que estes argumentos pesam em favor de começar com objeto simples e não com objeto sentencial.

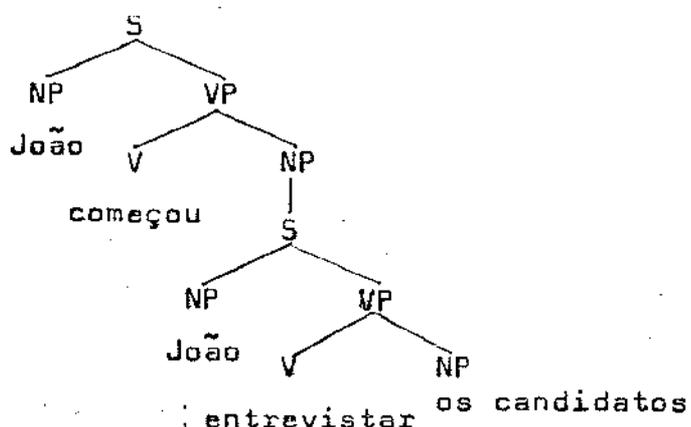
A hipótese das duas EPs, tal como formulada em Perlmutter (1968), apresenta um inconveniente teórico que cabe apontar aqui. Dentro desta hipótese, uma sentença em que começar aparece superficialmente com um sujeito animado e uma sentença complemento a que não se aplicou PASSIVIZAÇÃO, tem sempre duas EPs possíveis. Assim, a (95a), abaixo, pode-se atribuir tanto uma EP como (96a) quanto uma do tipo (96b).

- (95) a. João começou a entrevistar os candidatos
 b. Os candidatos começaram a ser entrevistados por João

- (96) a.



- b.



Já (95b) só pode ter uma EP como (96a). Entretanto, não há um sentido em que as duas sentenças não sejam tão sinônimas quanto qualquer outro par de sentenças na forma

ativa e na forma passiva o são. Assim, a ambigüidade estrutural que a hipótese em questão atribui a (95a) foge aos princípios da teoria dentro da qual Perlmutter se coloca, a saber, a teoria gerativa transformacional, tal como exposta em Chomsky (1965). Ora, em Chomsky (1964: 42) se lê:

"...se é verdade que a interpretação de uma sentença é determinada pelas descrições estruturais das cadeias subjacentes a ela (como se supõe na teoria da gramática transformacional), então o grau de ambigüidade de uma sentença deve estar relacionado com o número de sistemas diferentes de descrições estruturais subjacentes a ela..."

Em Chomsky (1965) esta posição não é modificada. A hipótese de Perlmutter (1968) enfraquece o conceito de EP, pois propõe duas EPs diferentes para uma sentença não para dar conta de uma ambigüidade estrutural, mas como artifício analítico. Vimos, nas páginas precedentes, que a hipótese das duas EPs não se mantém para o português. Em seu lugar, numa primeira tentativa, proporíamos uma análise em que começar pudesse ser intransitivo, com sujeito sentencial, ou transitivo de objeto simples. Observe-se que nesta análise o problema relacionada com (95-6) não mais existiria. É preciso, porém, examinar a hipótese pré-cíclica e outros fatos do português antes de chegarmos a uma conclusão.

3.2. Prós e contras da hipótese pré-cíclica

Pela hipótese pré-cíclica, começar seria um verbo intransitivo de sujeito sentencial, integrando a classe mais ampla dos aspectuais. Com efeito, como veremos em seguida, as propriedades apontadas por Newmeyer (1969) como características desta classe são manifestadas por começar, paralelamente ao que acontece com begin no inglês.

Como característica semântica, os aspectuais teriam a propriedade de predicar toda uma proposição, e não apenas um sujeito simples. Sejam as seguintes sentenças:

- (97) a. Acontece que João chegou naquele instante
 b. João aconteceu de chegar naquele instante
 c. É capaz que João chegue hoje
 d. João é capaz de chegar hoje
 e. João começou a entrevistar os candidatos
 f. Os candidatos começaram a ser entrevistados por João

Vemos que, embora o sujeito superficial seja diferente, temos uma mesma afirmação em (a-b), outra em (c-d) e uma terceira em (e-f). Isto porque tanto em (a) quanto em (b) acontecer predica João chegar naquele instante; em (c) e em (d) ser capaz predica João chegar hoje. Assim, em (e) e em (f) começar predica João entrevistar os candidatos.

Quanto às características sintáticas atribuídas a esses verbos, vemos que não co-ocorrem com advérbios nem selecionam tempo ou aspecto independentemente da proposição associada, diferenciando-se de outros verbos de complementação sentencial como condescender, tentar e convencer, conforme se pode observar nas sentenças abaixo.

- (98) a. *João aconteceu de chegar amanhã
 b. *João é capaz em São Paulo de trabalhar no Rio
 c. *João estava começando a entrevistar os candidatos na semana que vem
 d. João condescendeu em chegar amanhã
 e. João tentou em São Paulo trabalhar no Rio
 f. João estava me convencendo a entrevistar os candidatos na semana que vem

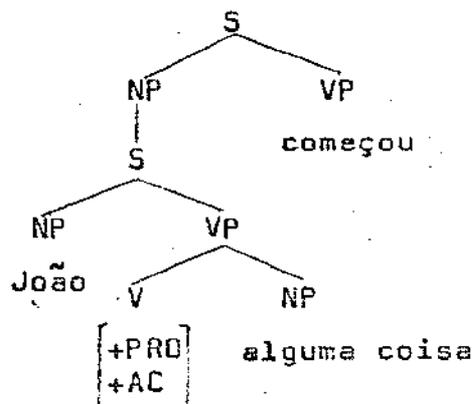
Estes fatos apoiam a análise de começar como intransitivo com sujeito sentencial, nos casos em que a presença de uma sentença complemento é indiscutível. Mas quando se tem superficialmente uma cadeia NP começar NP, ou quando começar apresenta comportamento sintático que parece de transitivo simples, ou quando ocorre como intransitivo de sujeito simples, as características de aspectual estão longe de ser evidentes. Mesmo nestes casos, pela hipótese pré-cíclica começar seria intransitivo com complementação de NP sujeito. Vejamos se os argumentos de Newmeyer (1969) contra uma análise de começar como transitivo simples se mantêm em português.

Em primeiro lugar, há a questão da leitura verbal implícita. Tal como no inglês, ela é possível com começar, mas não com transitivos simples como ler.

- (99) a. João começou alguma coisa
 b. João começou a fazer alguma coisa
 c. João leu alguma coisa
 d. João leu a fazer alguma coisa

Não existe uma relação (a):(b)::(c):(d) entre as sentenças de (99). Ora, esta relação deveria existir se começar fosse um verbo transitivo simples da classe de ler. A hipótese pré-cíclica se propõe a dar conta desse fato atribuindo a (99a) a EP representada em (100).

(100)



Temos, porém verbos como iniciar e interromper, que só ocorrem superficialmente como transitivos e assemelham-se semanticamente aos verbos do tipo começar. (101a) é entendida como sinônima de (99a), mas (101b), que deveria ser paralela a (99b), não é uma boa sentença do português.

- (101) a. João iniciou alguma coisa
 b. *João iniciou a fazer alguma coisa

Vemos então que com iniciar não se coloca a questão de leitura verbal implícita. Diante desses fatos, que tratamento daria a hipótese pré-cíclica a verbos como iniciar? Podemos supor que estes verbos seriam incluídos no grupo dos verbos do tipo começar, para que se explicasse a sinonímia entre sentenças como (99a) e (101a). Entre os demais verbos da classe, estes teriam a peculiaridade de só ocorrer com pro-verbo na S encaixada. Ou seja, este verbo seria intransitivo com sujeito sentencial na EP, mas na ES só ocorreria como transitivo simples. Para tanto seria necessário marcá-lo de alguma forma para aplicação obrigatória de ABAIXAMENTO DO ASPECTUAL, e regra pré-cíclica que segundo esta hipótese se aplica a estruturas como (100), complicando-se o componente sintático de uma maneira não prevista por Newmeyer (1969).

O segundo argumento da hipótese pré-cíclica contra uma análise que trate NP começar NP como transitividade simples, relaciona-se com o estabelecimento das restrições de seleção para este começar transitivo. Segundo esta hipótese, os possíveis objetos superficiais de começar coincidem com os possíveis objetos dos verbos AC. Assim, estas restrições precisariam ser repetidas numa gramática que tivesse começar transitivo, para cada um dos verbos da classe.

Nas palavras do autor:

"Para estabelecer as seleções de begin [transitivo] seria necessário repetir todas as restrições seletivas de cada verbo AC. Mas isto é o mesmo que admitir que begin não

tem seleção de objetos independente. Obviamente perder-se-ia uma generalização ao se tentar estabelecer restrições de objeto para begin." (64)

Entretanto, há fatos no português que vão contra esta afirmação. Considerem-se as seguintes sentenças com verbos do tipo AC, i.e., verbos que denotam atividades não-instantâneas, não-perceptuais e controláveis pelo sujeito.

- (102) a. João comeu feijoada
 b. Maria tomou café
 c. Tereza leu jornal
 d. José bebeu pinga

Substituindo os verbos AC das sentenças acima por verbos do tipo começar, deveríamos--de acordo com a hipótese pré-cíclica--obter boas sentenças. Mas tal não acontece. As sentenças de (103) não são aceitáveis.

- (103) a. *João começou feijoada
 b. *Maria começou café
 c. *Tereza começou jornal
 d. *José largou pinga

Numa nota de rodapé, Newmeyer (1969) observa que algumas sentenças do inglês são inexplicavelmente --dentro de sua hipótese--más. Diz ele:

"Um fato que está a pedir explicações é o de que sentenças como

?John began the water

(João começou a água)

?John began a forkful of hash

(João começou uma garfada de mexido)

parecem estranhas. Contudo, há evidência de que tais sentenças são estranhas apenas devido a certo conhecimento

que temos do mundo real, e não devido a fatos gramaticais. Em geral, quanto mais curta for a duração do evento, tanto menos aceitável será a sentença." (89)

Observe-se que esta explicação não se aplica aos fatos de (102-3), pois os mesmos itens lexicais podem ser objetos superficiais dos verbos de (103) se forem determinados, conforme se pode verificar por (104).

- (104) a. João começou a feijoada
 b. Maria começou o café
 c. Tereza começou o jornal
 d. José largou a pinga

Vemos que as restrições seletivas para começar NP não são exatamente a soma das restrições dos verbos AC. Os fatos de (102-4) parecem indicar que os objetos superficiais de verbos do tipo começar não podem ser indeterminados genéricos, enquanto pelo menos alguns verbos AC podem ter objetos desse tipo.

Podemos supor que esta diferença esteja ligada à natureza do que se chamou pro-verbo. Da seguinte maneira. Ao invés de ser um elemento "dummy" da subcategoria dos verbos AC, o item que ocupa o nóculo V na S encaixada poderia não ter realização fonológica por ter sido apagado por identidade com outro elemento. Seja a sentença abaixo:

- (105) João começou um livro

O verbo AC que relaciona João e livro teria, então, sido apagado por ser idêntico a um verbo de uma sentença pré-existente, implícita ou explícita, como as de (106).

- (106) a. João escreve livros
 b. João lê livros

O objeto de (105) não poderia então ser um indeterminado genérico, pois já teria sido especificado nessa sentença pré-existente.

Diz Chomsky (1964:41):

"...uma transformação pode apagar um elemento apenas se este elemento é o representante designado de uma categoria, ou se a condição estrutural que define esta transformação estabelece que o elemento apagado é estruturalmente idêntico a outro elemento da cadeia transformada. Um elemento apagado é, portanto, sempre recuperável."

O pro-verbo AC da hipótese pré-cíclica é apresentado como "representante designado de uma categoria", i.e., como um elemento "dummy" para verbos do tipo AC. Os fatos apontados acima--em (102-4)--sugerem que a não-realização fonológica desse item pode ser antes um caso de APAGAMENTO POR IDENTIDADE. O objeto superficial de começar não poderia ser indeterminado por já ter sido especificado numa sentença pré-existente, e o verbo da S complemento de começar seria apagado por identidade com o verbo dessa mesma sentença. Em (105), por exemplo, o verbo da S encaixada teria sido apagado por ser idêntico ao verbo de uma sentença pré-existente, que poderia ser, entre outras, (106a) ou (106b). Ora, como (105) pertence à classe das unidades chamadas sentenças, e como o elemento que possivelmente teria determinado o apagamento, não se encontra nessa sentença, essa regra de apagamento pertenceria à gramática que levasse em consideração um contexto mais amplo do que a sentença. Ou seja, essa regra de apagamento não poderia ser formalizada com os mecanismos da teoria transformacional "standard." Observe-se que, além disso, esta regra só se aplicaria a verbos do tipo AC encaixados sob verbos do tipo começar. Por outro lado, esta hipótese de que na derivação de (105) se aplicou uma regra de apagamento de verbo AC por identidade, apresenta complicações no tratamento de sentenças

como as de (107).

- (107) a. João começou uma briga
 b. Pedro começou uma discussão
 c. João continuou a filmagem

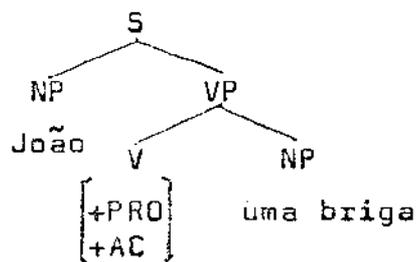
nas quais os objetos de começar e continuar indicam uma atividade. Estas sentenças, diversamente do que se poderia afirmar a respeito de (105), não precisam de informação adicional para serem entendidas. Ademais, para que se mantenha a hipótese de apagamento de verbo AC por identidade, é preciso forçar uma leitura verbal lexical para os casos como (107).

Em suma, a questão da restrição seletional para começar NP não se apresenta da maneira esperada dentro da hipótese pré-cíclica. A tentativa de explicar os fatos mantendo a hipótese em sua essência e postulando uma regra de apagamento de verbo AC por identidade se revelou inadequada. Podemos então sugerir que as restrições quanto à ocorrência de indeterminados genéricos fossem incluídas na especificação do pro-verbo AC, que seria então um "representante designado de uma (sub)categoria" e teria essa diferença em relação aos verbos AC. Ou seja, a generalização pretendia no estabelecimento das restrições seletionais estaria um pouco enfraquecida. (Observe-se ainda que a hipótese de apagamento de verbo AC por identidade teria problemas também com o tratamento de casos como João iniciou o livro.)

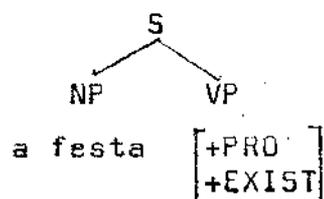
Vimos que para a hipótese pré-cíclica dois tipos de pro-verbos--AC e existencial--podem ser encaixados sob os verbos do tipo começar. Ora, como esses pro-verbos só podem ocorrer nessa posição, constituem-se em problema para a teoria geral. Os seguintes marcadores, previstos pela hipótese pré-cíclica--

1069

(108) a. (i)

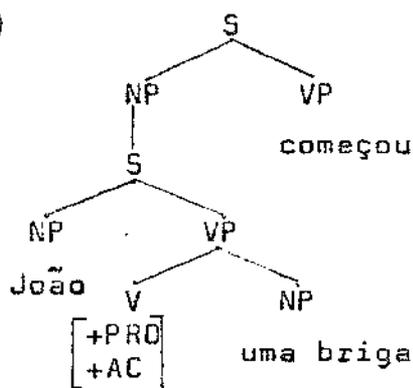


(ii)

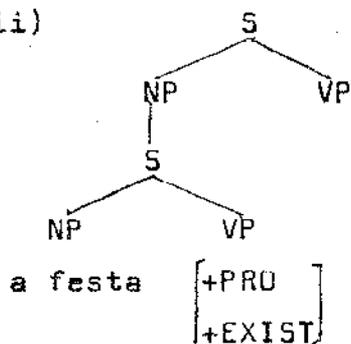


--não se qualificam como EPs bem formadas, a menos que ocorram como Ss encaixadas, conforme se observa em (108b), correspondendo, então, às sentenças de (108c).

b. (i)



(ii)



c. (i) João começou uma briga

(ii) A festa começou

Para prever esta ocorrência, a gramática deveria incluir restrições seletivas verbo-verbo, como proposto em Lakoff (1965). Observe-se que em Chomsky (1965) não há formalismo para este tipo de restrições, pois a regra de INSERÇÃO LEXICAL ali formulada opera apenas no âmbito de uma S, para itens da categoria V. Newmeyer (1969) se insere explicitamente no quadro teórico apresentado em Lakoff (1965). No caso das extensões propostas à teoria de Chomsky (1965) exigidas pela hipótese de pro-verbo, a questão se coloca, então, da seguinte maneira: mesmo que a gramática para ser adequada deva ter restrições verbo-verbo, i.e., mesmo que estas restrições sejam motivadas para outros casos, a hipótese pré-cíclica precisará ser reformulada no que tange às restrições seletivas do objeto do pro-verbo AC.

O terceiro argumento de Newmeyer (1969) envolve a regra de INSERÇÃO DE TAMBÉM. Em português os fatos relacionados com a aplicação desta regra são paralelos aos do inglês.

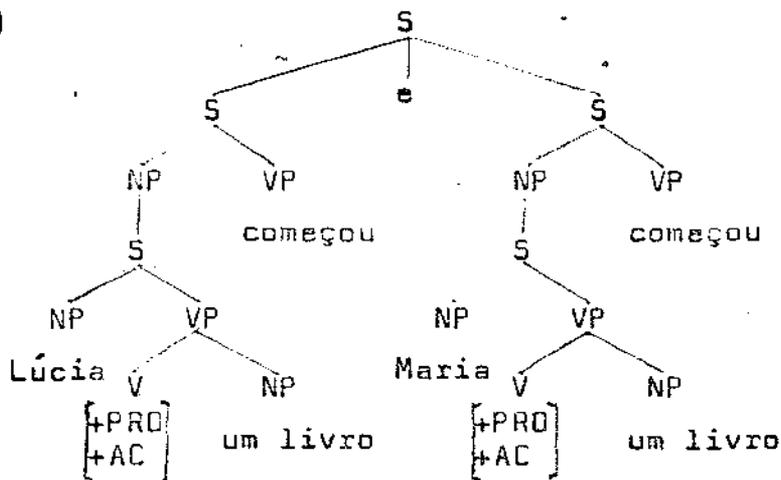
- (109) a. Lúcia começou um livro e Maria começou também
 b. Lúcia leu um livro e Maria leu também

Teremos um contra-senso se acrescentarmos (110a) a (109a), mas não se acrescentarmos (110b) a (109b).

- (110) a. ...mas Maria não começou um livro
 b. ...mas Maria não leu um livro

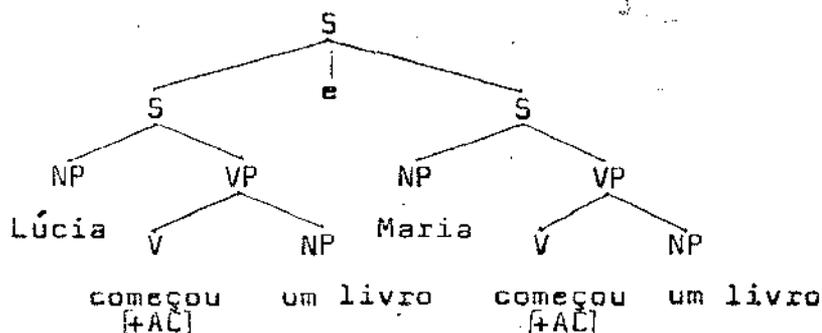
Newmeyer (1969) explica esses fatos pela diferença entre verbos de complementação sentencial e verbos transitivos simples. Mas, como veremos a seguir, sua hipótese é incompatível com a explicação apresentada. Diz esse autor que com verbos de complementação sentencial INSERÇÃO DE TAMBÉM só se aplica a uma estrutura em que possa ser aplicada a regra de APAGAMENTO DE VP. Portanto, a EP de (109a) deveria ser (111).

(111)



Verbos de complementação sentencial, então, exigem identidade entre VPs das sentenças complemento para que, numa conjunção, se aplique APAGAMENTO DE VP. Newmeyer (1969:169) ressalta que "APAGAMENTO DE VP é uma regra sintática--deve seguir COLOCAÇÃO DE COMPLEMENTIZADOR, ALÇAMENTO DO SUJEITO e várias outras regra do componente sintático". Ora, as regras mencionadas são reconhecidas na literatura transformacional como cíclicas. Pela hipótese em questão, uma regra pré-cíclica levaria o marcador frasal de (111) a (112).

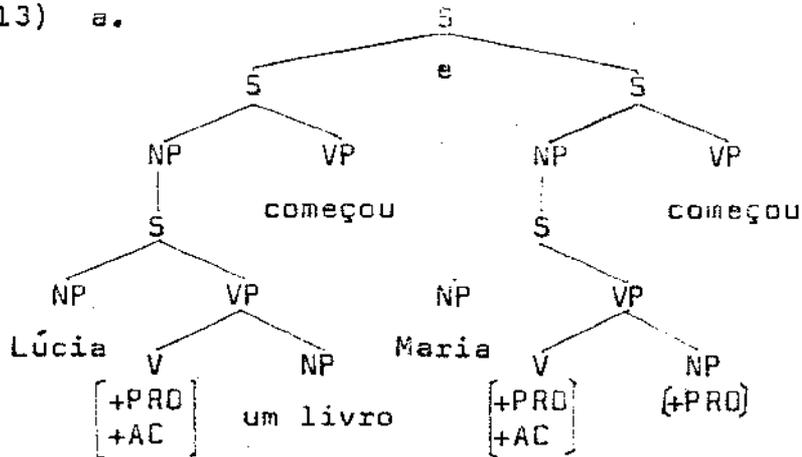
(112)



Ou seja, no estágio relevante para a aplicação de APAGAMENTO DE VP já não existiria uma estrutura de complementação sentencial e a regra não se aplicaria. Como se vê, a hipótese pré-cíclica, ao contrário do que supõe seu autor, não só não dá conta dos fatos relacionados com a regra de INSERÇÃO DE TAMBÉM, mas também torna impossível a explicação desses fatos.

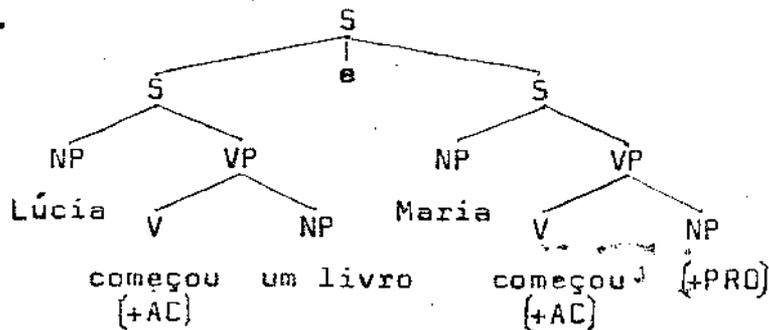
Suponhamos, dentro da hipótese pré-cíclica, a seguinte EP:

(113) a.



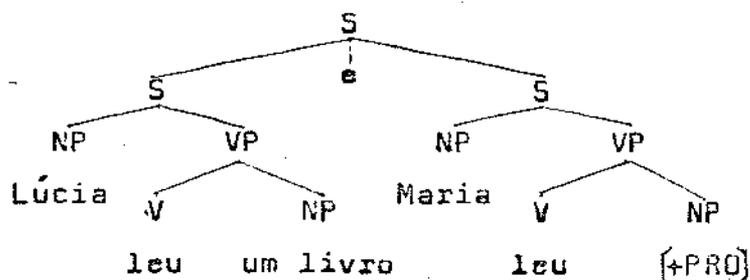
Aplicando-se a regra pré-cíclica obrigatória de ABAIXAMENTO DO ASPECTUAL, teremos:

b.



A partir daí, segundo a hipótese pré-cíclica, começar tem os traços sintáticos da classe AC. Então a sentença correspondente a (113), que poderia ser (109a), deveria ser paralela a (109b), na leitura que se obtém combinando esta com (110b), pois neste caso a EP correspondente a (109b) seria (114), abaixo.

(114)



Observe-se que (114) é exatamente paralela a (113b). Entretanto não se tem uma leitura de (109a) paralela à de (109b) quando combinada com (110b).

Ou seja, se a regra de ABAIXAMENTO DO ASPECTUAL atribui ao aspectual em que se aplica traços sintáticos da classe AC, a que pertence ler, não é possível explicar que no momento da aplicação de APAGAMENTO DE VP e INSERÇÃO DE TAMBÉM o mesmo aspectual se comporte como verbo de complementação sentencial. Newmeyer (1969), diz que INSERÇÃO DE TAMBÉM se aplica a uma conjunção de transitivos simples mesmo que o objeto do segundo termo da conjunção não seja idêntico ao do primeiro, mas tenha sido apagado por ser uma forma PRO, i.e., pela regra de APAGAMENTO DO OBJETO. Ora, não são todos os transitivos simples que podem ter como objeto esta forma PRO que caracteriza a regra de APAGAMENTO DO OBJETO. Nas sentenças abaixo temos transitivos simples.

- (115) a. João cortou o bolo e Maria cortou também
 b. Pedro viu um automóvel e Maria viu também
 c. Tereza fez a lição e Maria fez também

Combinem-se cada uma destas sentenças com a seqüência respectiva de (116), abaixo.

- (116) a. ...mas Maria não cortou o bolo
 b. ...mas Maria não viu um automóvel
 c. ...mas Maria não fez a lição

Os resultados serão tão estranhos quanto o da combinação de (109a) com (110a). Entretanto não se pode dizer que os verbos de (115) sejam verbos de complementação sentencial.

Outros verbos que se comportam como o de (109b) são os das sentenças seguintes:

- (117) a. Maria comeu arroz e Pedro comeu também, mas Pedro não comeu arroz
 b. Maria estudou matemática e Pedro estudou também, mas Pedro não estudou matemática.

Estes verbos podem ocorrer com uma forma PRO como objeto; já os verbos de (115), não. Um objeto dos verbos de (115) só pode ser apagado por identidade com outro elemento. Portanto, a transformação que apagou os objetos das segundas termos das conjunções em (115) é APAGAMENTO POR IDENTIDADE. A imposição de outra leitura a esses objetos só pode resultar em contra-senso.

Vejamos outros fatos que reforçam o que acabamos de dizer. Observem-se as seguintes sentenças:

- (118) a. Maria comeu o dia inteiro
 b. Pedro bebeu a noite toda
 c. Juca leu durante as férias

Entendemos que o objeto de (118a) é "algo comestível"; o de (118b), "algo bebível"; o de (118c), "algo legível". Na EP de cada uma dessas sentenças o objeto será uma forma pronominal semanticamente delimitada pelo próprio verbo. Já as sentenças abaixo--

- (119) a. João cortou o dia inteiro
 b. Pedro viu a noite toda
 c. Maria fez de manhã

--acarretam as perguntas "cortou o quê?", "viu o quê?", "fez o quê?", pois com estes verbos só podemos ter apagamento de objeto por identidade. Da mesma forma, a sentença

- (120) João começou durante as férias

leva à pergunta "começou o quê?". Concluimos então que, ao contrário do que afirma Newmeyer (1969), (120) não é um caso de APAGAMENTO DO OBJETO. Ou seja, começar não pode ter como objeto a forma PRO que caracteriza essa transformação. Se é assim, a explicação para os fatos de (109-110) decorre trivialmente. Com verbos que ocorrem com formas PRO na posição de objeto, pode-se inserir também no segundo termo de uma conjunção, após a aplicação de APAGAMENTO, mesmo que esta transformação não seja APAGAMENTO POR IDENTIDADE. Com verbos que não ocorrem com objeto PRO, só APAGAMENTO POR IDENTIDADE pode determinar a não-realização fonológica do objeto. Então não é necessário recorrer a uma EP com complementação sentencial para dar conta dos fatos de (109-110).⁸ Além disso, a proposta da hipótese pré-cíclica a respeito das restrições seletivas fica mais enfraquecida, pois começar, ou melhor, o pro-verbo AC não pode ocorrer com uma forma PRO como objeto, enquanto alguns verbos AC podem.

Resumindo a discussão precedente sobre a hipótese pré-cíclica, obtemos o seguinte quadro:

- 1-no que se refere à leitura verbal implícita, esta hipótese tem o inconveniente de atribuir traços contextuais de complementação sentencial a verbos que na ES serão sempre transitivos simples (iniciar, interromper);
- 2-as restrições de seleção para começar NP diferem das dos verbos AC, pelo menos quanto à ocorrência de indeterminados e de formas PRO como objeto;
- 3-a argumentação desenvolvida em Newmeyer (1969) com base em APAGAMENTO DE VP e INSERÇÃO DE TAMBÉM não se mantém.

Então, de três argumentos só dois podem ser mantidos, mesmo assim, com complicações para o componente sintático não previstas pelo autor. Observe-se que, por outro lado, a hipótese apresenta vantagens em termos de economia de regras para o componente semântico ao relacionar sintaticamente

sentenças como (a-b), (c-d) (e-f), abaixo.

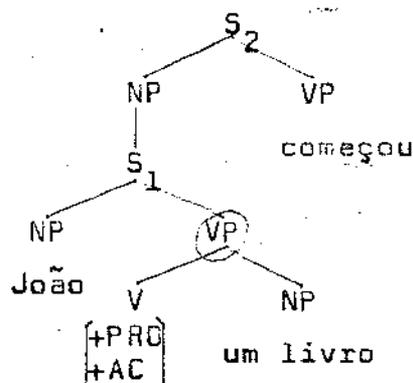
- (121)
- a. João começou a ler o livro
 - b. João começou o livro
 - c. Maria continuou a escrever a carta
 - d. Maria continuou a carta
 - e. José parou de fazer o trabalho
 - f. José parou o trabalho

Em uma hipótese que trate começar, continuar, parar, em sentenças como (121 b,d,f), como verbos transitivos simples, o relacionamento entre os pares mencionados não será evidente pelas EPs atribuídas a cada uma das sentenças. Sem dúvida, uma análise que estabeleça essa relação dentro do componente sintático simplifica as regras do componente semântico. A hipótese pré-cíclica, entretanto, ao tentar estabelecer esta relação dentro do componente sintático, se constitui em complicação indesejável para a teoria geral. A proposta de uma regra pré-cíclica implica na abertura de uma premissa sobre os tipos de regras possíveis que vem se mantendo na teoria transformacional.

Na literatura transformacional se tem postulado a existência de regras cíclicas e pós-cíclicas. A possibilidade lógica da existência de regras pré-cíclicas parece não ter aplicação na gramática. Ora, restringindo as regras transformacionais aos tipos cíclico e pós-cíclico, a teoria está fazendo uma hipótese forte sobre a forma das gramáticas, a qual gostaríamos de manter. Entretanto, como veremos a seguir, ao propor uma regra pré-cíclica Newmeyer (1969) apoiou seu raciocínio em uma afirmação falsa. Não era necessário propor esta regra para manter a análise de começar (ou begin) como intransitivo de sujeito sentencial.

Ao considerar as regras que possivelmente se aplicariam a uma configuração como (122)--

(122)



--Newmeyer (1969) examina a possibilidade de ter APAGAMENTO DE PRU ao invés da regra de incorporação que propôs. Diz então que esse apagamento não pode ser pré-cíclico nem cíclico, isto é, não pode anteceder ALÇAMENTO DO SUJEITO, pois, em caso contrário, não haveria condições para aplicação desta regra (de alçamento), que é obrigatória em S_2 . A derivação seria então bloqueada. Isto porque, ainda segundo Newmeyer (1969), com o apagamento de PRU o nóculo VP assinalado acima desapareceria, de acordo com a convenção de "poda de galhos" de Ross (1967). Mas o que se lê em Ross (1967:57), na conclusão do capítulo sobre poda de galhos, é o seguinte:

"Em resumo, enquanto há forte evidência de que um princípio para poda de nóculos S é necessário na teoria da gramática, e mesmo evidência que apóia a formulação dada nesta seção, a evidência de que nóculos NP ou VP devem ser apagados é fraca, e nenhuma formulação adequada dos princípios que regeriam este apagamento foi encontrada."

Se, como efetivamente afirma Ross (1967), não há fatos que levem a supor que o nóculo VP deve ser eliminado, então ALÇAMENTO DO SUJEITO se aplica normalmente no ciclo de S_2 , após o APAGAMENTO DE PRU. Observe-se ainda que com este APAGAMENTO DE PRU ordenado antes de PASSIVIZAÇÃO, esta transformação não se aplicará a S_1 , em (122). Assim a gramática estará prevendo a não ocorrência de

(123) *Um livro começou por João

como correspondente a (122).

Chegamos então às seguintes conclusões sobre a hipótese pré-cíclica:

- 1-os argumentos para a inclusão de uma regra pré-cíclica na teoria geral não se mantêm;
- 2-a hipótese não dá conta dos fatos de restrição seletional, a menos que a subcategorização do pro-verbo AC lhe seja específica, ao invés de ser tida como a soma das subcategorizações dos verbos AC;
- 3-os pro-verbos exigem uma extensão no estabelecimento das restrições seletionais, em relação à proposta de Chomsky (1965), a saber, a inclusão de restrições do tipo verbo-verbo.

Tal como apresentada em Newmeyer (1969), essa hipótese não se mantém.

NOTAS

1. Alguns falantes consideram esta sentença aceitável, sem restrições. Apresentamo-la aqui asteriscada de acordo com a intuição de outros falantes, inclusive a nossa. Esta divergência nos julgamentos não altera a discussão desenvolvida em relação à condição SUJEITO-IDÊNTICO, cuja adequação para a gramática dos falantes que não aceitam esta sentença está em causa. p.27
2. Não tivemos acesso à tese de doutorado de Perlmutter em sua forma integral. As publicações aqui referidas como (1968) e (1971) apresentam parte deste trabalho, mas não a que trata do pro-verbo. A informação a respeito do pro-verbo foi colhida em Newmeyer (1969). p.30
3. Também aqui o asterisco não corresponde a um julgamento homogêneo por parte dos falantes. Muitos aceitam sem restrições esta sentença, bem como as paralelas a (80). Dir-se-á, então, que na gramática destes falantes a condição de segunda pessoa como sujeito de sentenças imperativas definitivamente não se mantém. p.33
4. Os traços de estatividade e controlabilidade não são definidos explicitamente por Fischer e Marshall (1969). A idéia de estatividade está ligada a verbos que indicam um estado, em oposição a verbos que indicam uma ação. Os verbos de "ação" seria, então, [-estativo]. Em inglês pode-se relacionar estes traços ao comportamento dos verbos quanto ao aspecto contínuo. Seja o verbo know (saber), [+estativo]. Este verbo não ocorre com aspecto contínuo, daí a agramaticalidade de (i). p.33
- (i) *John is knowing your name
(João está sabendo seu nome)
- Em português, o verbo possuir, [+estativo], apresenta o mesmo comportamento, como se vê em (ii).

(ii) Ele está possuindo ações desta companhia

Entretanto, outros verbos que aqui consideramos [+estativo] podem ocorrer com aspecto contínuo, como em (iii).

- (iii) a. Estou sabendo disso
b. Está me parecendo bom

Observe-se, entretanto, que (iii a-b) são comutáveis com sentenças com aspecto não-contínuo, sem alteração de significado, como se vê em (iv).

- (iv) a. Não precisa me contar, já $\left\{ \begin{array}{l} \text{estou sabendo} \\ \text{sei} \end{array} \right\}$ tudo
b. Isto $\left\{ \begin{array}{l} \text{está me parecendo} \\ \text{me parece} \end{array} \right\}$ bom

Quanto à noção de controlabilidade, tampouco foi definida de maneira explícita em Fischer e Marshall (1969). Ela se refere à capacidade ou não do sujeito de exercer controle consciente sobre a ação indicada pelo verbo. O advérbio intencionalmente, ligado ao sujeito, permite distinguir verbos [+controlável] dos [-controlável]. A ocorrência de intencionalmente com o sujeito de um verbo [-controlável] resulta numa sentença não gramatical.

5. Esta classe de adjetivos é tratada em Alkmim, T. Classe dos adjetivos difícil em português, dissertação de mestrado, Unicamp, em preparação. A ela devo esta informação. p.36

6. Newmeyer (1969:59) define "nominalização agentiva" como p.37
"nomes que parafrazeiam a frase nominal "aquele que x, onde x é um verbo que é também a raiz da nominalização." Na nota 1 do capítulo IV, observa com muita pertinência que:
"O termo "nominalização agentiva" é certamente inadequado, pois muitos verbos satisfazem a definição operacional dada acima e não se pode dizer que tenham propriamente "agentes".

7. Veremos adiante que sentenças como João começou não são casos de APAGAMENTO DO OBJETO. Ou seja, estas sentenças, com verbos do tipo começar, não são exatamente paralelas a João comeu. Esse fato não é relevante no momento; voltaremos a ele na seção 3.2.

p.41

8. Note-se também que Newmeyer (1969) explica a ocorrência de sentenças imperativas com begin pela incorporação dos traços sintáticos de verbo AC, através da regra de ABAXAMENTO DO ASPECTUAL. Esta explicação não leva em conta a existência--em inglês, bem como em português--de sentenças em que begin--e começar--tem complementação sentencial e está na forma imperativa, como as seguintes:

p.57

Begin to work!--Comece a trabalhar!

Begin to sing!--Comece a cantar!

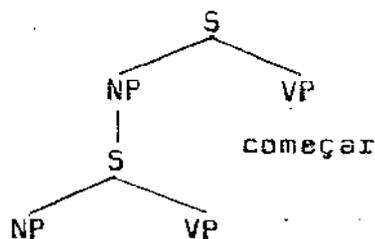
4. Conclusões e inconclusões

Nesta seção examinaremos os resultados das discussões precedentes, comparando-os, na tentativa de chegar à hipótese mais adequada.

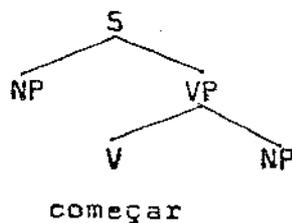
4.1. De duas, nenhuma.

Vimos na seção 3.1 que a hipótese das duas EPs não deve ser incorporada à teoria. Em primeiro lugar, porque atribui uma ambigüidade sintática a sentenças que só têm uma leitura no componente semântico. Em segundo lugar, porque os argumentos em favor de um começar com complementação de NP objeto, i.e., ocorrendo numa EP como (58b), não se mantêm. Alguns desses argumentos, aqueles baseados na condição de NPs IDÊNTICOS, não são válidos no português. Outros parecem indicar uma outra EP para começar: ao invés de complementação de NP objeto, transitividade simples. Teríamos, então, começar ocorrendo em duas EPs como as de (124), abaixo, para os grupos de sentenças de (125), (a) e (b), respectivamente.

(124) a.



b.

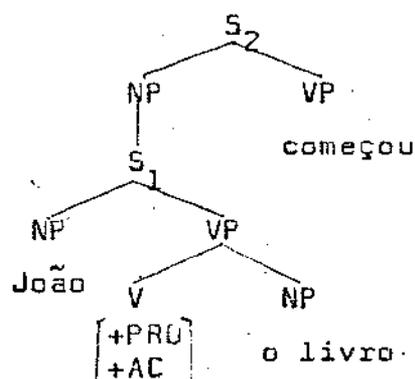


- (125) a. (i) João parou de contar o dinheiro
 (ii) As indenizações começaram a ser pagas
 (iii) João tentou começar a estudar
 (iv) Começou a chover
 (v) Assistência começou a ser prestada aos feridos
 (vi) Parem de cantar essa música!
 (vii) A gente continuou a festejar
- b. (i) João começou o livro
 (ii) Esta casa foi começada por meu pai
 (iii) Pedro será o continuador de minhas obras
 (iv) Parem a festa!

Ora, pela hipótese pré-cíclica temos essas duas configurações correspondendo, da mesma forma, aos dois grupos de sentenças. A partir de uma EP como (124a), se houver na S encaixada um pro-verbo AC, chega-se, pela aplicação obrigatória da regra pré-cíclica de ABAIXAMENTO DO ASPECTUAL, a uma configuração do tipo de (124b). Ou seja, esta hipótese relaciona transformacionalmente as duas estruturas, constituindo-se em fator de simplicidade para o componente semântico. Por outro lado, representa complicação para o componente sintático e para a teoria geral, ao propor uma regra pré-cíclica, e se mostra insatisfatória no estabelecimento das restrições seletivas do pro-verbo proposto.

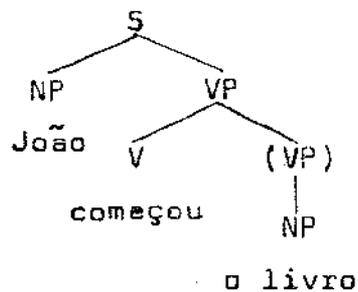
Vimos em 3.2 que a regra pré-cíclica é desnecessária. Seja a seguinte EP:

(126)



No ciclo de S_1 aplicar-se-ia APAGAMENTO DE PRO (VERBO), ordenado antes de PASSIVIZAÇÃO. Assim, não haveria condições para a aplicação desta transformação. O nóduo VP assinalado se manteria e ALÇAMENTO DO SUJEITO, obrigatória no ciclo de S_2 , poderia se aplicar, levando à estrutura abaixo:

(127)



Os fatos de (125b) seriam, então, explicados pela ocorrência de começar numa cadeia NP V NP no estágio relevante para a aplicação das transformações relacionadas com cada uma das sentenças desse grupo.

Uma hipótese que, sem necessitar de regra pré-cíclica, relaciona sintaticamente as estruturas de (124) implica--como vimos na seção anterior--numa modificação da proposta de Chomsky (1965) em relação ao estabelecimento de restrições seletivas para os itens da categoria V. Restrições verbo-verbo serão necessárias para prever a ocorrência de pro-verbos AC e existencial exclusivamente em Ss encaixadas sob verbos do tipo começar. Se estas restrições verbo-verbo forem motivadas para outros casos, então esta hipótese parecer a mais adequada. Constarão da gramática um proverbo AC com traços seletivos semelhantes aos da classe AC, mas diferindo dos itens lexicais AC quanto à determinação do NP objeto e quanto à ocorrência de PRO como objeto, e um pro-verbo existencial.¹ A regra de ALÇAMENTO DO SUJEITO se aplicará a estruturas como (124a), seja qual for a natureza do item que ocupa o nóduo V na S encaixada.

No presente trabalho não foi investigada a necessidade ou não de incluir restrições verbo-verbo na gramática.

Se as restrições deste tipo não forem motivadas, constituindo-se num formalismo ad hoc para os pro-verbos que ocorreriam sob verbos do tipo começar, então a análise mais adequada será aquela que preveja a ocorrência destes verbos em dois tipos de EPs--em uma como intransitivo de sujeito sentencial e em outra como transitivo simples. (Estas EPs não são as mesmas da proposta de Perlmutter (1968) e são idênticas às configurações transformacionalmente relacionadas de Newmeyer (1969)). O relacionamento entre sentenças como as de (128) seria feito no componente semântico--

- (128) a. João começou o livro
 b. João começou a $\left. \begin{array}{l} \text{escrever} \\ \text{preparar} \\ \text{ler} \end{array} \right\}$ o livro

--já que as configurações das EPs de ambas seriam diferentes.

4.2. Uma extensão necessária

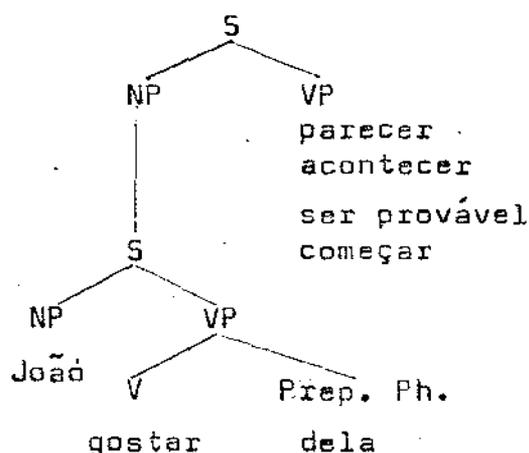
Observe-se, ainda, que para estas hipóteses que tratam começar como verbo intransitivo de sujeito sentencial, é indispensável recorrer a uma extensão proposta em Lakoff (1965). Mostramos em páginas anteriores que outros verbos como parecer, acontecer, ser provável e outros ocorrem em EPs da mesma configuração. Considerem-se, então, as seguintes sentenças:

- (129) a. Parece que João gostou dela
 b. João parece ter gostado dela
 c. Acontece que João gostou dela
 d. João aconteceu de gostar dela
 e. É provável que João tenha gostado dela
 f. *João foi provável de gostar dela

- g. *Começa que João gostou dela
 h. João começou a gostar dela

A EP de todas elas--detalhes irrelevantes a discussão omitidos--pode ser representada por

(130)



Com parecer, ALÇAMENTO DO SUJEITO é opcional, como mostram (129a-b); com acontecer, é também opcional na gramática dos falantes que aceitam (129d) sem restrições; com ser provável ALÇAMENTO não pode se aplicar, como se vê pela agramaticalidade de (129f); com começar, é obrigatório, como se vê pela agramaticalidade de (129g).

Se uma mesma regra é opcional, proibida e obrigatória, de acordo com o item lexical que ocupa uma determinada posição na estrutura, é preciso--para preservar a generalização obtida na configuração da EP e na formalização da regra--marcar estes itens em relação à regra. Ou seja, algo como os traços de regras (rule features) deve ser incorporado à subcategorização dos itens V. Assim, os verbos do tipo começar seriam marcados para aplicação obrigatória de ALÇAMENTO DO SUJEITO.

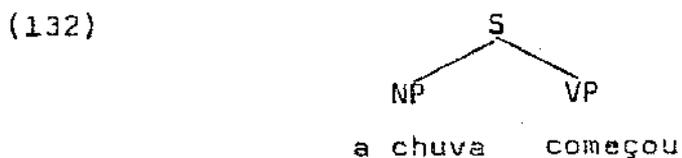
4.3. Hipóteses em funcionamento

Numa hipótese que tenha, para os verbos do tipo começar,

duas EPs como as de (124), começar intransitivo terá ou um sujeito sentencial ou um sujeito simples com um traço como [+evento]. Considerem-se as seguintes sentenças:

- (131) a. Começou a chover
 b. A chuva começou
 c. Começou a chuva

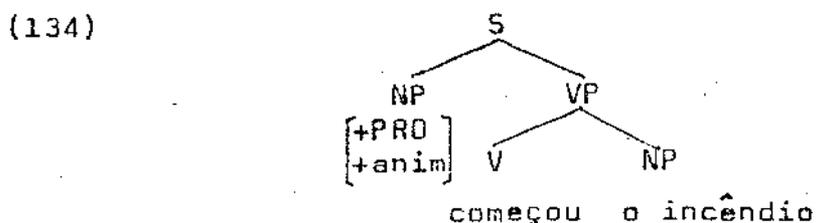
Em (131a) temos começar com sujeito sentencial. A (131b-c) corresponde a seguinte EP:



Na derivação de (131c) aplicou-se EXTRAPOSIÇÃO. A relação entre (131b) e (131c) é, então, a mesma que existe entre os pares (a-b), (c-d) e (e-f) de (133), abaixo.

- (133) a. Que ele joga demais é verdade
 b. É verdade que ele joga demais
 c. Surpreende-me que ele chegue cedo
 d. Que ele chegue cedo me surpreende
 e. Que ele esteja doente é provável
 f. É provável que ele esteja doente

Começar transitivo terá sempre sujeito [+animado] e objeto não-sentencial. Podemos supor a seguinte EP:



A sentença correspondente seria:

(135) Começou-se o incêndio (provocando-se um circuito nas instalações elétricas)

Observe-se que a sentença correspondente na forma passiva é, como a hipótese prevê, gramatical.

(136) O incêndio foi começado (provocando-se um circuito nas instalações elétricas)

Se, em (135), corresponde a +PRD, +anim, sujeito em (134). Pela aplicação de PASSIVIZAÇÃO na derivação de (136) este PRO deixa de ocupar a posição de sujeito e pode ser apagado. Há, em (135-6), uma idéia de agente, a qual não aparece em (137).

(137) O incêndio começou (com um circuito accidental nas instalações elétricas)

O começar de (137) seria, então, o intransitivo de sujeito sentencial ou, como no caso, +evento. (135-6) podem ser parafraseados por (138).

(138) Alguém causou o incêndio (provocando um circuito nas instalações elétricas)

Já a paráfrase de (137) seria:

(139) Irrompeu um incêndio (devido a um circuito nas instalações elétricas)

Evidentemente, tanto uma hipótese com duas EPs para começar, do tipo (124a) e (124b), quanto outra que relacione transformacionalmente estas estruturas, dão conta desses fatos.

NOTAS

1. Observe-se que o pro-verbo AC é transitivo, enquanto p.66
muitos verbos que satisfazem a definição de verbo AC de
Newmeyer (1969) não o são. Tal é o caso de correr e dor-
mir, entre outros.

BIBLIOGRAFIA

- Bresnan, Joan M. 1972 The Theory of Complementatation in English Syntax. Dissertação de doutorado; MIT. Cambridge, Mass.; inédito.
- Chomsky, Noam. 1964 Current Issues in Linguistics. Haia; Mouton.
- 1965 Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass.; MIT.
- 1969 Language and Mind. Nova York; Harcourt, Brace & World.
- Fischer, Susan e Byron Marshall. 1969. "The Examination and Abandonment of the Theory of Begin". Trabalho para Indiana University Linguistics Circle; inédito.
- Jacobs, Roderick e Peter S. Rosenbaum. 1968 English Transformational Grammar. Waltham, Mass.; Xerox College Publishing.
- Lakoff, George. 1965 Irregularity in Syntax. Nova York; Holt, Rinehart & Winston Inc.
- Newmeyer, Frederick. 1969 English Aspectual Verbs. Dissertação de doutorado, University of Washington. Seattle, Wash.; inédito.
- Perlmutter, David. 1968 "The Two Verbs Begin", em R. Jacobs e P. Rosenbaum, eds. 1970. Readings in Transformational Grammar. Waltham, Mass.; Blaisdell.

-----1971 Deep and Surface Structure Constraints in Syntax. New York; Holt, Rinehardt.

Quicoli, Antônio C. 1972 Aspects of Portuguese Complementization. Dissertação de doutorado, State University of New York at Buffalo. Buffalo, N.Y.; inédito.

Rosenbaum, Peter. 1967 The Grammar of English Predicate Complement Construction. Cambridge, Mass.; MIT.

Ross, John R. 1967 Constraints on Variables in Syntax. Dissertação de doutorado, MIT. Cambridge, Mass.; inédito.

----- 1969 "Guess Who?" Papers from the Fifth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, 252-286.